



1290003456



FE

TCC/UNICAMP SI38:1

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

FLÁVIA LEILA DA SILVA

APRENDENDO A TRABALHAR COLETIVAMENTE:
UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO NO ESTÁGIO

T 200808006

CAMPINAS
2007

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

FLÁVIA LEILA DA SILVA

APRENDENDO A TRABALHAR COLETIVAMENTE:
UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO NO ESTÁGIO

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado à Faculdade de Educação
da Unicamp, para obtenção da
Graduação em Pedagogia, sob
orientação do Prof. Dr. Guilherme do
Val Toledo Prado.

CAMPINAS
2007

UNICAMP - FE - PUBLIQUINA

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	ICC/UNICAMP
	Si 3.82
/.....EX:.....	
COMBO:.....	3456
PROC:.....	22/02
C:.....	X
PREÇO:.....	11,00
DATA:.....	01/03/08
Nº ORD:.....	426112

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

SI38a	Silva, Flávia Leila da. Aprendendo a trabalhar coletivamente : um olhar sobre a formação no estágio / Flávia Leila da Silva. -- Campinas, SP : [s.n.], 2007. Orientador : Guilherme do Val Toledo Prado. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 1. Formação de professores. 2. Estágios supervisionados. 3. Trabalho coletivo. I. Prado, Guilherme do Val Toledo. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	07-633-BFE

*Dedico este trabalho aos meus pais
Delvair e Rosa.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me permitido viver e compreender como a vida pode ser maravilhosa.

Aos meus pais, Delvair e Rosa, que em toda sua humildade sempre desejaram a mim um futuro cheio de conquistas e alegrias, a eles que acompanharam e me apoiaram desde os primeiros rabiscos até a universidade. E tenho certeza que sempre estarão comigo, pois são meu 'porto seguro', onde sempre serei acolhida.

A minha irmã Luciane pelo exemplo que é para mim, pelas dicas e por sempre "puxar" minhas orelhas querendo que eu fizesse, isso ou aquilo, para o meu próprio bem. Pelas palavras de incentivo e também pela correção deste trabalho.

Ao meu namorado Renan, pelo companheirismo, e pela paciência que teve que adquirir ao longo de minha graduação, quando eu não tinha mais assuntos a não ser relacionados ao curso. Além disso, pela dedicação e pela leitura em primeira mão de todas as minhas idéias para este TCC.

As minhas amigas de curso Erin, Flávia, Michelle e Susana, pela acolhida desde do início do curso, pela cumplicidade em tantos trabalhos, e principalmente pelas vivências coletivas do estágio e pela disposição de me ajudar neste TCC

Agradeço também a todas as minhas amigas da gestão CaPagu: Débora, Gabi, Lú, Mi, Sú, Tchela, que fizeram parte de minha formação em tantos momentos acadêmicos e extras-acadêmicos, com quem muitas vezes dividi minhas angústias e desilusões a respeito do curso e da profissão, mas com quem também muitas vezes dividi momentos alegres e esperanças no que diz respeito a nossa formação.

Ao professor Guilherme, por ter se dedicado à orientação deste trabalho. Por ter me incentivado a pensar e refletir sobre o que vejo e o que faço. Pelos exemplos, que extrapolam a vida acadêmica, como seu otimismo, e pela sua fé na escola, como um espaço de transformação das pessoas e do mundo.

A professora Maria Márcia S. Malavazzi, por suas contribuições e sugestões a cerca deste trabalho, durante leitura, e também, pela presença em outros momentos de minha formação, como nos tantas avaliações que fizemos em Campinas e Amparo.

Enfim, agradeço todos aqueles que de uma forma ou de outra me ajudaram nesta caminhada, aos professores da escola básica e também da universidade que tantos ensinamentos me trouxeram nesta vida.

“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para eu caminhar”.

Eduardo Galeano

RESUMO

Este trabalho pretende explicitar algumas reflexões iniciadas durante minha inserção, como estagiária, em uma escola da rede municipal de Campinas. Estas reflexões surgiram a partir das relações de parceria que foram construídas ao longo do estágio e que permitiram a experiência do trabalho coletivo. Desta forma, esta pesquisa tem o objetivo de contribuir para a formação dos alunos de Pedagogia levando em consideração que a possibilidade do trabalho coletivo no estágio é uma experiência importante para o trabalho do pedagogo como futuro professor.

PALAVRAS CHAVE: 1 Formação de Professores. 2. Estágios Supervisionados. 3. Trabalho coletivo.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	08
1. CAPÍTULO I – Da minha vida ao meu tema de pesquisa.....	10
1.1 Fragmentos de vida... Trajetória até a universidade.....	10
1.2 Refletindo sobre minha formação acadêmica.....	13
1.3 O Processo de construção da pesquisa	16
2. CAPÍTULO II - A escola e suas influencias sobre o trabalho realizado no estágio.....	20
2.1 O Ambiente e o cotidiano escolar.....	21
2.2 E nós (estagiárias) como chegamos à escola?	29
2.3 A recepção da escola.....	30
2.4 A relação com as professoras.....	31
3. CAPÍTULO III - O projeto de ensino-aprendizagem.....	34
3.1 A escolha do tema e o planejamento das atividades.....	34
3.2 Energia! O projeto em ação... ..	38
4. CAPÍTULO IV - Trabalho coletivo e formação inicial de professores.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53
ANEXOS	55

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de algumas reflexões que surgiram a partir das discussões que me foram propostas nas disciplinas Práticas de Ensino e Estágio Supervisionado¹ e, também, das experiências decorrentes dessas propostas. Através da minha inserção, em uma escola da rede municipal de Campinas, como estagiária, minhas visões sobre a educação e o trabalho docente foram tomando novos significados. Percebi que dificilmente um professor tem um bom desempenho profissional quando atua sozinho e que o trabalho coletivo é um grande aliado na difícil tarefa de educar.

Conforme fui avançando no meu contato com a sala de aula, com os alunos e, principalmente, através da experiência do trabalho coletivo, que surgiu da relação de parceria que estabeleci com a professora da sala e com algumas amigas do curso de Pedagogia que fizeram estágio nesta mesma escola, tive a possibilidade de questionar minha própria formação na Universidade, no que diz respeito ao diálogo entre teoria e prática.

No primeiro capítulo, busquei narrar um pouco de minha trajetória de formação até a chegada à Universidade, pois, a história de vida de cada aluno e seu conhecimento de mundo, se inter-relacionam com sua formação acadêmica e constituem importantes situações formativas. Assim, busquei mostrar como cheguei ao tema proposto neste trabalho e como se deu a construção metodológica da pesquisa.

No segundo capítulo, procurei descrever a organização escolar da escola em que o estágio foi realizado, além de mostrar como o coletivo se formou, como as estagiárias chegaram a escola, como foi a recepção da escola para com as estagiárias e como foi a relação das estagiárias com as professoras da escola.

¹ Estas disciplinas fazem parte do currículo obrigatório do curso de graduação em Pedagogia na Unicamp, catálogo de 2004.

O terceiro capítulo teve como objetivo a descrição das vivências do trabalho coletivo realizado no estágio, essas vivências foram concretizadas através da construção e execução de um projeto de ensino-aprendizagem, assim este capítulo será dedicado à narrativa e discussão destas experiências.

No quarto capítulo, procurei apresentar discussões sobre o Trabalho Coletivo, através do diálogo entre as reflexões coletivas (que tive na relação com as estagiárias) e algumas teorias que abordam o assunto.

Nas considerações finais, procurei, através do diálogo entre o referencial teórico e a entrevistas coletiva, trazer discussões sobre o estágio no curso de Pedagogia e sobre a possibilidade do trabalho coletivo no estágio.

O presente trabalho procurou realizar a sistematização de um saber construído através de experiências coletivas intensamente vividas e refletidas, e tem como objetivo contribuir para a formação dos alunos de Pedagogia, levando em consideração a possibilidade do trabalho coletivo no estágio.

1. CAPÍTULO I – Da minha vida ao meu tema de pesquisa

"Não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis... A palavra está sempre carregada de um conteúdo e um sentido ideológico e vivencial"

(BAKHTIN, 1988, p.95).

1.1 Fragmentos de vida...

Trajetória até a Universidade...

A decisão de começar a discussão proposta neste trabalho, a partir de minha trajetória até a Universidade, tem a finalidade de demonstrar que o estudo aqui proposto não tem intenção de neutralidade, pelo contrário, foi construído a partir de reflexões e significações que permeiam meu universo individual e social.

Minha história de vida se mistura com todo meu processo de formação e, está intimamente ligada com a escolha do tema desta pesquisa. Desta forma, todas as reflexões, significações e resignificações que serão realizadas neste trabalho irão conter traços dessa trajetória.

Nasci em Jundiaí, uma cidade do interior paulista, onde moro até hoje. Meus pais têm origem muito humilde e por conta do ingresso precoce no mundo do trabalho, estudaram somente até a quarta série do ensino fundamental. No entanto, eles sempre incentivaram a mim e a minha irmã para que estudássemos e valorizássemos a educação como uma oportunidade de mudança social, aproveitando, assim, a chance que eles não tiveram.

Acredito que o esforço e o exemplo de meus pais tiveram muito valor, pois minha irmã mais velha se formou em Letras na Universidade Estadual de São Paulo, e eu, estou para me formar, em Pedagogia na Universidade Estadual de Campinas. Tivemos que nos esforçar muito, pois, nós duas, sempre estudamos em escolas públicas, que não nos trouxeram base suficiente para passar no vestibular.

Fiz o Ensino Fundamental na EEPG Dr Rafael Mauro, que é situada, próximo à minha casa, em Jundiá. Nos dois primeiros anos do Ensino Médio, estudei na EEPSG Siqueira de Moraes. Esta escola fica em um bairro central, um pouco distante; por causa da localização, no terceiro ano do colegial, mudei-me para a EEPSG Joceny Villela Curado, que se localiza em um bairro próximo ao meu.

Lembro-me mais de experiências do Ensino Médio, não sei se pelo fato de serem lembranças mais recentes, ou pela grande intensidade das vivências deste período. Lembro-me, por exemplo, das aulas sem professores e de nós, alunos, que ficávamos na quadra jogando baralho, também me lembro das aulas de literatura que eram muito boas ... Eu adorava. Em especial, tenho recordações muito positivas de um professor da última escola que passei durante este período.

Este professor chamado Adilson, lecionava história. Era sempre muito coerente e idealista nas suas atitudes. Foi a partir das aulas dele que comecei a pensar em fazer um curso superior. Ele organizou um grupo de estudos (para o vestibular) que se reunia aos sábados e, junto com outros três professores lecionavam voluntariamente para um grupo de alunos interessados em prestar vestibular.

As atitudes destes professores neste pequeno curso de sábado mostraram-me como o trabalho coletivo é importante para o trabalho docente, pois o professor Adilson lecionava história e realizou um trabalho integrado com o professor Marucci de matemática e com o professor Belezoni de português. Para nós alunos, essa articulação foi importante para

compreendermos as relações entre disciplinas tão distintas. Esta foi a primeira vez, na minha trajetória escolar, que vi professores trabalhando de forma integrada.

É importante lembrar que estes professores foram os primeiros a conversar sobre as Universidades públicas em nossa escola e que a maioria dos alunos não tinha informações sobre o vestibular e sobre o funcionamento destas Universidades. No entanto, apesar de todo o esforço que tivemos, professores e alunos, nenhum dos alunos passou no vestibular, mas, a “sementinha” plantada por estes professores, foi o que me fez continuar a estudar. Fiz dois anos de cursinho pré-vestibular, neste período trabalhava e estudava.

No primeiro ano de cursinho, consegui uma bolsa parcial em um cursinho particular e, no segundo, estudei em um cursinho comunitário coordenado por alunos da Unicamp. Este era voltado para alunos com dificuldades socioeconômicas, e foi de grande importância para que eu compreendesse o ensino superior como direito, e não mais como mérito conseguido por poucos.

Este cursinho comunitário chama-se “Consciência”. Uma das experiências mais significativas que vivi neste espaço foi o “mutirão do saber”; uma atividade que acontecia aos sábados, e consistia em um “plantão de dúvidas”, que era realizado de forma coletiva, entre alunos e professores. Ajudávamos uns aos outros, sem a competição típica dos cursinhos particulares. Posso dizer que este foi meu segundo contato com atividades coletivas no espaço escolar.

As experiências que vivi neste cursinho me ajudaram a perceber, na prática, aquilo que, mais tarde, aprofundaria na Universidade, primeiramente com VIGOTSKI (2002) e depois com BAKHTIN (1988): “a importância do outro em nossa formação”, seja ele professor, aluno ou outras pessoas com quem convivemos.

1.2 Refletindo sobre minha formação acadêmica...

“... a reflexão crítica sobre a prática se torna uma exigência da relação Teoria / Prática sem a qual a teoria pode ir virando blabláblá e a prática ativismo”.

(FREIRE, P, p. 22, 1996)

Ao ingressar na Unicamp tive, como a maioria dos calouros, a impressão de ter mergulhado no mundo encantado do conhecimento. Os professores eram como heróis detentores de conhecimento, as teorias intocáveis, valorizadas pela dimensão de verdade que possuem os discursos e textos acadêmicos. Logo no segundo semestre do curso comecei a questionar este mundo encantado. Comecei a perceber que no espaço acadêmico existe a hierarquização do saber, a ultravalorização dos conhecimentos acadêmicos e a desvalorização dos saberes populares.

Em minha trajetória pela Universidade uma situação merece destaque. No quinto semestre de curso, houve três professores: Elizabeth Barolli, Ana Regina Lanner e Guilherme Prado, que fizeram um trabalho integrado entre as disciplinas: Fundamentos do Ensino de Ciências, Fundamentos do Ensino de Matemática e Práticas de Ensino para o Ensino Fundamental. E este foi o meu terceiro contato com o trabalho docente coletivo. Esta experiência foi muito significativa para mim, pois foi uma forma de pensar em interdisciplinaridade de fato. Como avaliação para estas disciplinas tivemos que realizar um projeto de ensino aprendizagem em uma escola. Este projeto foi muito importante para o trabalho que fizemos posteriormente no estágio, pois foi a primeira vez que tivemos a experiência de planejar e executar aulas em uma sala de aula.

Por meio de minha inserção na escola e na sala de aula, através do trabalho integrado entre as três disciplinas no primeiro semestre de 2006 e do Estágio no segundo semestre, comecei a perceber que houveram grandes mudanças em minha percepção sobre vários conceitos que haviam se fixado em minha mente durante os dois primeiros anos do curso de Pedagogia, e que, a partir daí, eu teria que fazer grande esforço para relacionar a teoria vista nos primeiros anos de curso com as reflexões sobre o cotidiano escolar que presenciei durante o estágio.

Estas dificuldades que encontrei, não foram privilégio meu, pois elas se devem ao fato de que na estrutura curricular dos cursos de formação de professores existe uma cisão entre teoria e prática, como se estas fossem coisas distintas e sem relação, sendo que a teoria é vista nos primeiros anos e nos últimos se encontram as disciplinas práticas. Esta ordem *“revela a concepção de conhecimento como um dado pronto, acabado, cristalizado, estático, que separa o sujeito que conhece do objeto a conhecer”* (FREITAS, H, 2ed, 2002).

Ainda que o objetivo desta pesquisa não seja o estudo dos currículos dos cursos de Pedagogia, não se pode deixar de ressaltar que estes refletem o modo de produção capitalista, a divisão social do trabalho e a separação entre trabalho manual e trabalho intelectual.

Assim, apesar das limitações impostas pelos currículos, o *estágio* ainda se apresenta como um momento em que o aluno/estagiário tem a oportunidade de questionar seu próprio trabalho pedagógico, de vivenciar problemas concretos de sua área de estudo, tendo a possibilidade de confrontá-los e compreendê-los dentro do cotidiano da escola em que atua.

Percebi durante a realização do estágio que quando as ações e reflexões são feitas no coletivo, com as colegas de turma e com a professora da sala, estas podem vivenciar a troca de experiências, o planejamento do trabalho pedagógico em parceria, e a construção de um aprendizado da prática coletiva na escola.

Desta forma, “*Ao invés do estágio ser apenas um momento de prática do aprendido, será um momento de conhecimento, um momento que vai enriquecer e transformar a própria proposta de ensino*”. (ARROYO, 1989).

Questionando minhas vivências cheguei ao meu tema de pesquisa: *o trabalho coletivo*, através da experiência de estágio. Por meio desta experiência comecei a refletir sobre a importância da realização do estágio para um curso de formação de professores e a importância de que se incentive o trabalho coletivo desde a formação inicial do pedagogo. Passei a acreditar que existe a possibilidade de reflexões coletivas sobre o cotidiano escolar e sobre a prática realizada, no coletivo, neste espaço.

É importante salientar que o trabalho coletivo já vem sendo apontado, por profissionais que atuam na escola, como um meio para melhor desenvolver o trabalho pedagógico na escola, daí a importância de se tratar deste assunto já na formação inicial do pedagogo.

Neste pequeno relato de minha história busquei “costurar” estes fragmentos de vida ao meu tema de pesquisa. Minhas vivências, na escola pública, no cursinho e na Universidade, me fizeram acreditar que o trabalho coletivo é uma importante possibilidade, para um trabalho de qualidade na escola. Por isso, acredito que o trabalho coletivo deve ser incentivado durante a formação inicial do professor. Assim, pretendo, neste trabalho, através de um estudo de caso, mostrar a viabilidade da realização do trabalho coletivo no estágio.

1.3 O processo de construção da pesquisa

“Nós não perguntamos à natureza e ela não nos responde. Colocamos as perguntas para nós mesmos e de certo modo organizamos a observação ou a experiência para obtermos a resposta. Quando estudamos o homem, procuramos e encontramos signos em toda parte e nos empenhamos em interpretar o seu significado”.

(BAKHTIN, p.319, 2003)

Para compreensão dos processos de parceria que possibilitaram o desenvolvimento do trabalho coletivo no estágio, optei pela pesquisa qualitativa de abordagem sócio-histórica, que segundo (FREITAS, M, 2002), é caracterizada pelos seguintes aspectos:

- Compreender os sujeitos envolvidos no processo, para através destes, entender o seu contexto, ou seja, a fonte de dados é o texto (contexto) em que o acontecimento acontece, salientando o particular como instancia de uma totalidade social.
- As questões formuladas para a pesquisa se orientam para compreensão dos fenômenos em toda a sua complexidade e em seu acontecer histórico, sendo assim, não são estabelecidas a partir da operacionalização de variáveis.
- O processo de coleta de dados é caracterizado pela ênfase na compreensão, através da descrição, no entanto, para a explicação dos fenômenos em estudo é necessário procurar relações entre os eventos investigados por meio de uma integração do individual com o social.
- A valorização da atividade do pesquisador, ou seja, busca-se reconstruir a história de sua origem e de seu desenvolvimento.

- O pesquisador é um dos principais instrumentos da pesquisa, pois através da investigação, suas percepções se constroem a partir de um lugar sócio-cultural em ele está situado e depende das relações intersubjetivas que cria com os sujeitos de sua pesquisa.

- O objetivo de uma pesquisa não é precisão do conhecimento e sim a intensidade do envolvimento e da participação ativa tanto do investigador quanto do investigado, isso possibilita ao pesquisador e ao pesquisado a reflexão e resignificação do fenômeno pesquisado.

Podemos dizer que em uma abordagem sócio histórica a pesquisa é vista como uma relação entre sujeitos, portanto dialógica, na qual o pesquisador é uma parte integrante do processo investigativo. Sendo que esta será uma pesquisa pautada em um estudo de caso: a experiência do trabalho coletivo que vivi no estágio.

O estudo de caso nos permite apreender uma situação singular em profundidade, embora ele não seja generalizável, através das observações, possibilita construir hipóteses para olhar outras situações de estágio e de formação inicial de professores.

Houve a escolha pelo estudo de caso, pois este segundo MERRIAN (1988, *apud* ANDRÉ, 2005) o conhecimento gerado a partir de um estudo de caso é diferente do conhecimento gerado por outras pesquisas, porque ele é mais concreto, uma vez que se configura num conhecimento que encontra em nossa experiência por que é mais vivo, concreto e sensório do que abstrato e porque ele é mais contextualizado, pois as experiências estão enraizadas num contexto.

MERRIAN (1988, *apud* ANDRÉ, 2005) aponta ainda que o estudo de caso focaliza uma situação, um programa, um fenômeno particular e sendo assim, o caso em si tem importância, seja pelo que revela sobre o fenômeno, seja pelo que representa. E ao

caracterizar o estudo de caso, a autora diz que esse *proporciona a descoberta de novas relações, conceitos, compreensão, mais do que verificação ou hipótese pré-definida.*

STAKE (1995, *apud* ANDRÉ) nos diz que o estudo de caso é o estudo da particularidade e da complexidade de um caso singular, levando a entender sua atividade dentro de importantes circunstâncias, ou seja, embora o estudo de caso não seja generalizável ele permite através das particularidades apreender elementos para buscar compreender o todo.

Podemos dizer que ao considerar a relação entre o pesquisador e seu sujeito, como uma relação dialógica, as pesquisas de abordagem sócio histórica exigem que as características processuais e éticas do fazer pesquisa, sejam refletidas nos próprios instrumentos utilizados, a coleta e na análise dos dados respeitem esta relação.

Para o desenvolvimento da pesquisa utilizei-me de levantamentos sob forma de *análise de documentos*, narrativas feitas sobre a experiência do estágio (portifólios), e *entrevista coletiva*, com um tema predefinido: a experiência do trabalho coletivo no estágio, além do *estudo do material bibliográfico*.

Em relação à *análise de documentos*, foram analisados os portifólios² das estagiárias que participaram do processo de construção de parcerias e de trabalho coletivo. Esta análise teve o objetivo de compreender a visão de cada uma das estagiárias sobre o trabalho realizado na escola (trabalho coletivo), e sobre o estágio na formação inicial do professor. Sendo que se entende como documento “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano” (PHILLIP, 1974, p.187 *apud* LÜDKE e ANDRÉ, 1986).

Já em relação à *entrevista coletiva*, realizada junto as estagiárias, sujeitos envolvidos na minha experiência de estágio, propus o diálogo sobre os temas: trabalho coletivo no estágio e o estágio na formação docente. Desta forma as entrevistadas tiveram oportunidade de falar e

² Estes portifólios foram realizados para avaliação na disciplina Estágio Supervisionado, e relatam todo o percurso das estagiárias durante o estágio.

relembrar suas impressões e reflexões sobre o trabalho coletivo, que ocorreu durante o estágio, e sobre a sua própria formação acadêmica. A entrevista coletiva como estratégia metodológica tem os objetivos de: *“identificar pontos de vista dos entrevistados; reconhecer aspectos polêmicos (a respeito que não há concordância); provocar o debate entre os participantes, estimular as pessoas a tomarem consciência de sua situação e condição e a pensarem criticamente sobre elas”* (KRAMER, 2003, p. 66).

O estudo de material bibliográfico aconteceu de forma concomitante, com a finalidade da construção de um panorama sobre as implicações do trabalho coletivo no estágio, e sobre o estágio na formação do pedagogo, além disso, complementou as referências teóricas a cerca do tema, assim como as metodológicas.

2. CAPÍTULO II - A escola e suas influencias sobre o trabalho realizado no estágio

Este capítulo foi construído com o objetivo de descrever a organização escolar da escola em que o estágio foi realizado, serão apresentados: o espaço de trabalho; a organização dos horários; as relações que se estabelecem no cotidiano da escola e quem são seus estudantes e professores. Foram analisados documentos produzidos pela escola, como o Projeto Político Pedagógico (PPP) e o Plano Escolar da escola. Além disso, busquei neste capítulo, mostrar como o coletivo se formou, como se deu o contato das estagiárias com a escola, como foi a recepção da escola para com as estagiárias, como foi a relação com as professoras da escola, para isso fiz uso principalmente da dos portfólios de estágio e da entrevista coletiva.

A hipótese que orienta este capítulo é que o trabalho desenvolvido nesta escola influenciou o trabalho coletivo realizado durante o estágio, nesse sentido a descrição pretende apreender o trabalho realizado na escola, assim como seus regulamentos: horários, grades, para em seguida busquei apresentar como o trabalho efetivado na escola auxiliou o trabalho que realizamos no estágio.

2.1 O Ambiente e o Cotidiano Escolar

Pensar sociologicamente o espaço físico é pensá-lo em suas relações com o espaço social, para não cair no pensamento substancialista do senso comum, simplesmente como um 'lugar'. Pensar as relações sociais localizadas é refletir sobre as relações entre as estruturas do espaço social e as estruturas do espaço físico.

(ANTUNIASSI, 2001)

A escola em que fizemos estágio é uma Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) e se localiza no Jardim Londres, na divisa com a Vila Castelo Branco e com o Jardim Garcia, em Campinas, numa região com muitos estabelecimentos comerciais, escolas (de educação infantil a ensino universitário), centros esportivos, igrejas, centro de saúde, Casa da Cultura *Tainã*, Associação de Bairro, CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), PROGEN (Projeto *Gente Nova* – ONG). Segundo o Plano Escolar da escola (2005) a atividade predominante no bairro é comercial e possui lojas de todos os tipos, bancos e vários supermercados.

Atende aos alunos provenientes, principalmente, dos bairros: Jardim Londres, Vila Castelo Branco, Vila Padre Manoel da Nóbrega, porém recebe minoritariamente alunos que moram no Jardim Paulicéia, Jardim Garcia, Jardim Campos Elíseos, Jardim das Roseiras, Jardim Florence e Vila Aurocan. Diante disso, possui uma clientela que totaliza 540 alunos de 1ª à 8ª séries, sendo que a maioria reside próximo à escola e os alunos que moram mais em bairros mais afastados utilizam meios de transporte como perua escolar, automóvel ou mesmo ônibus.

Das instalações físicas podemos apresentar: 4 banheiros; 1 biblioteca; 1 sala de informática; 1 sala de vídeo; 5 salas de aula; 1 quadra de esportes; 1 mini-quadra, 1 cozinha; 1

copa; 1 refeitório; 3 salas para administração e secretaria; 1 cabine da Rádio Escolar; corredor externo, espaço verde contendo algumas árvores, um pequeno jardim na entrada do prédio e espelho d'água.

A escola possui também 28 computadores, 6 impressoras, 1 impressora multifuncional, 1 scanner, 4 televisões, 2 vídeos, 1 DVD, 1 DVD com Karaokê, 7 aparelhos de som portáteis, 1 mesa de som, 1 equipamento de rádio, 2 data show, 1 retro- projetor, 1 lupa com micro-câmera, 2 máquinas fotográficas, 1 máquina fotográfica digital, 2 filmadoras, 2 gravadores e 1 tela de projeção portátil. Cabe ressaltar que a escola participa de um projeto Temático financiado pela Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e que muitos destes aparelhos foram adquiridos com verba desta instituição.

Na parte de recursos humanos, a escola conta com: 08 professoras de 1^a. à 4^a. série; 17 professores de 5^a. à 8^a. série; 1 diretora; 1 vice-diretora; 1 orientadora pedagógica; 1 inspetora de alunos; 1 assistente administrativa; 3 funcionárias readaptadas - prestando serviços na secretaria (2) e biblioteca (1), 2 professoras de educação especial; 2 professora substituta contínua (1^a à 4^a séries e de 5^a à 8^a série); 5 serventes (1 funcionária da Prefeitura Municipal de Campinas – PMC, sendo 2 contratadas de modo terceirizado e 2 contratadas pela Fundação Municipal para Educação Comunitária – FUMEC); 3 guardas (2 funcionários da P.M.C. e 1 contratado de modo terceirizado); 3 merendeiras (1 funcionária da P.M.C. e 2 contratadas pela terceirização).

O espaço social pode ser entendido, como um conjunto organizado de posições, que se definem umas em relação às outras. Segundo ANTUNIASI (2001)

As relações estabelecidas entre os agentes sociais num espaço de posições são relações objetivas, pois independem da existência física dos agentes que as ocupam num determinado momento histórico, são relações diferenciadas, hierarquizadas e potencialmente conflituosas, que em geral pressupõem uma relação de poder e uma dinâmica em que lhes são mais favoráveis. Por ser historicamente determinadas,

essas posições não são estáticas, mas dinâmicas e convém sempre analisá-las tanto de forma sincrônica quanto diacrônica. (ANTUNIASSI, 2001).

Sendo assim, após conhecer o espaço físico, os recursos humanos da escola iremos discutir as relações estabelecidas nesse espaço, que como vimos, segundo ANTUNIASSI (2001) são relações diferenciadas, que podem ser hierarquizadas e conflituosas. Desta maneira, vamos buscar compreender como se apresenta o cotidiano dessas relações na escola.

Aproximar-se da escola com a idéia de vida cotidiana, significa algo mais que “chegar e observar” o que ali ocorre diariamente. Antes, é a orientação de uma busca e de uma interpretação daquilo que pode ser observado na escola. (EZPELETA e ROCKWELL, 1989, p.21).

Segundo EZPELETA e ROCKWELL (1989, p.22) o conceito de “vida cotidiana” delimita, e ao mesmo tempo, recupera conjuntos de atividades caracteristicamente heterogêneas empreendidas e articuladas por sujeitos individuais. Dessa forma, as atividades observadas na escola, ou em qualquer outro contexto, podem ser compreendidas como cotidianas apenas em referencia a esses sujeitos. Sendo assim, elas se restringem a ‘pequenos mundos’, cujos horizontes definem-se diferentemente de acordo com a experiência direta a história de vida de cada sujeito.

As aulas têm início as sete horas da manhã, a escola está localizada num local privilegiado pelo acesso de ônibus, próxima à Av John Boyd Dunlop, entretanto, pelo fato dos alunos residirem nas proximidades da escola, grande parte dos estudantes vem andando para escola, alguns outros chegam de vans escolares, ou de carro trazidos pelos pais. A maioria dos professores de carro e alguns vem de ônibus.

Há uma boa convivência entre os professores na sala dos professores e na escola em geral. A sala dos professores é uma sala pequena com uma mesa oval, que sugere um trabalho coletivo, é neste espaço que no dia a dia da escola podemos acompanhar as reuniões de

Trabalho Docente Integrado (TDRs), e as Reuniões Pedagógicas de Integração (RTDIs), além dos Grupos de trabalho (GT), que são grupos onde os professores discutem e estudam temas que tem haver com o cotidiano escolar e com o trabalho pedagógico. As RTDIs e os GTs surgiram através do trabalho integrado entre profissionais da escola e professores da Faculdade de Educação da Unicamp e fazem parte dos trabalhos realizados no projeto temático financiado pela FAPESP..

O horário de funcionamento da escola se organiza em três períodos para as classes de ensino fundamental: período matutino: 7:00h às 11:00 h (3ª série A, 4as séries A e B, 5ª série A e 8ª série A); período intermediário: 11:00h às 15:00 h (1as. séries A e B, 2as. séries A e B e 3ª série B); e período vespertino: 15:00 h às 19:00 h (6as. séries A e B, 7as. séries A e B e 8ª série B). Funcionam na escola, também, no período noturno das 19:30h as 23:00h, três classes de ensino de jovens e adultos (Suplência I – 1ª à 4ª série).

O corpo discente da escola é bastante diversificado, durante o dia há alunos desde os 6 aos 17 anos, já no período noturno predomina a presença de adultos, em função de ser oferecido nesse período o curso de suplência para aqueles que não puderam cursar o ensino fundamental na idade regular.

É importante ressaltar que a diversidade dos estudantes é respeitada e compreendida na escola, e em seu PPP de 2006 a escola reafirma que tem o aluno como centro do processo ensino-aprendizagem, visando seu crescimento, sua formação integral, respeitando seu espaço no mundo, levando em conta sua criatividade, sua experiência, autonomia, personalidade e cultura.

No intervalo os professores se dirigem para a sala dos professores, alguns continuam tirando dúvidas, ou conversando com os alunos nas salas. O relacionamento entre professores e alunos no trabalho educacional cotidiano pode ser definido em sua maioria como respeitoso. Percebemos durante o período que ficamos no estágio que na escola que o horário do

intervalo é um espaço importante para que os professores possam conversar entre si e para que os alunos possam conversar com os professores, pois eles os professores em sua maioria encontram todos reunidos na sala dos professores.

Através do trabalho integrado entre professores da Unicamp e os profissionais da escola, a escola já vem a algum tempo buscando realizar um trabalho integrado entre: direção, coordenação, professores, funcionários, pais e comunidade. Desta maneira, podemos dizer que a escola caminha para ser um ambiente de camaradagem onde “todos conversam com todos”, professores conversam com os professores, com a diretora, com a coordenadora, com os alunos, funcionários do setor administrativo também conversam com professores, com o diretor, e os alunos também, cumprimentam e às vezes param os professores nos corredores, fazem brincadeiras.

Durante o tempo que em que, nós estagiárias, fizemos estágio nesta escola, percebemos o quanto todos os professores são envolvidos e ajudam no planejamento do cotidiano escolar. Assim todos ajudaram a escrever o PPP, e todos fazem de tudo para que ele seja real, ou seja, que na prática as idéias ali propostas se realizem.

Desta maneira, na pratica cotidiana, assim como no PPP, a escola reafirma, que acredita ser a atual função da escola ampliar o conhecimento dos alunos possibilitando a todos o acesso a conteúdos que efetivamente contribuam para sua formação e para o desenvolvimento de suas habilidades e de suas capacidades (cognitivas, sociais, culturais, psicológicas, políticas) necessárias à sua interação na sociedade.

O ensino fundamental é compreendido, pelos profissionais da escola, como uma etapa que apresenta a função da formação do cidadão, para que ele compreenda, modifique, interfira, colabore para a melhoria do espaço onde vive no seu tempo, para que, enfim, seja um agente transformador e não somente como um ensino preparatório (para o ensino médio, para o vestibular, etc...). Estas idéias estão bem articuladas no cotidiano da escola e expostas

no PPP da escola. A escola busca uma relação centrada no sujeito do processo, sujeito ativo, que acessa o conhecimento e modifica a natureza deste ao agregar a ele suas visões pessoais.

Quanto à dimensão do conhecimento, a escola aponta que não o considera como algo tão verdadeiro, inquestionável, pronto e acabado, mas como algo que pode e deve ser contestado e por isso é provisório, permanentemente construído na relação que se estabelece entre os sujeitos. A interdisciplinaridade é buscada na medida em que o conhecimento não é concebido como algo fragmentado.

No que diz respeito à relação ensino-aprendizagem, o PPP aponta que os educadores são os mediadores entre o sujeito e o objeto de conhecimento, sendo primordial saber o que pensam os alunos, mobilizando, assim, os diferentes repertórios, buscando refletir sob o ponto de vista das crianças e dos adolescentes, incentivando a busca de novos conhecimentos através da pesquisa. Assim a escola em sua prática cotidiana reafirma dia a dia que é no confronto entre as diferenças que o grupo se constrói, se modifica, se transforma, aprende.

Há, também, dificuldades que são enfrentadas cotidianamente pela escola, tais como: conseguir estabelecer um diálogo com os alunos (ouvir e ser ouvida/o), organizar o trabalho em grupo, saber lidar com alunos que apresentem necessidades especiais, propor dinâmicas diferenciadas, trabalhar numa estrutura física deficiente e com grande número de alunos, conviver com situações complexas quanto à estrutura familiar, quanto ao uso de drogas (lícitas e ilícitas) e o excessivo número de faltas de alunos e ausências de alguns professores.

A escola indica, assim, o diálogo como principal ferramenta para a construção coletiva do conhecimento, buscando identificar qual a melhor linguagem para se chegar ao jovem e intensificar em todos “capacidade de negociação”.

Há, entretanto, alguns questionamentos apontados no PPP da escola, na direção de discutir o que significa essencialmente formar cidadãos reflexivos, conscientes de seus direitos e deveres, participativos e atuantes:

- que atitudes possibilitar em sala de aula e fora dela para que nosso aluno se transforme num cidadão capaz de ir à busca do que precisa?

- como formar o estudante, instrumentalizando-o para enfrentar as situações da vida?

Conscientes da assunção do compromisso com a transformação social do indivíduo e buscando saídas para as dificuldades que encontradas na relação com as crianças e jovens, a escola tem tentado constantemente estabelecer uma maior coerência entre o que acredita, o que propõe e o que faz.

Em relação aos projetos que são desenvolvidos na escola, esta foi se (re)organizando, se transformando, retomando antigos projetos e propondo outros à comunidade. Este trabalho com projetos vem desencadeando na escola uma discussão interessante sobre "currículo" à medida que ele remete a uma reflexão sobre quais saberes/conhecimentos são construídos nas aulas, nos projetos e em outros espaços de aprendizagem. A participação nas referidas atividades tem favorecido o estabelecimento de vínculos entre os alunos (entre si) e entre eles e os professores/coordenadores.

A falta do espaço físico nesta escola é real e está constantemente presente na organização de sua rotina; ainda que se tenha observado a cooperação entre os profissionais da escola e outros educadores parceiros para "negociarem" espaços adequados para o desenvolvimento das atividades.

A equipe de professores, funcionários e de gestão entende como fundamental o trabalho desenvolvido nos diferentes projetos e enfatiza a necessidade de potencializar ainda mais a integração entre estas atividades e o trabalho da sala de aula e da escola como um todo.

A escola continua reafirmando a necessidade de nortear o trabalho da escola focando as atenções para os eixos norteadores do trabalho desenvolvido na escola em 2005, lembrando práticas que os validaram, reafirmando-os e incorporando outros a estes, ficando assim definidos para 2006:

- * a importância do papel social da leitura e da escrita
- * a humanização das relações
- * trabalho conjunto com a comunidade
- * a valorização da arte como forma de expressão dos sujeitos
- * a reflexão e estudo sobre o cotidiano
- * o exercício da interdisciplinaridade

Neste sentido, é que, além das ações específicas em sala de aula a escola tem desenvolvido os seguintes projetos: Teatro, Biblioteca Escola, Rádio Escola “Espaço Aberto”, Fanfarras Escola, Projeto Francês, Projeto Jovens Contra as Drogas, Atendimento Diferenciado, Orientação Sexual, Informática, Projeto Recreio. Aponta-se ainda a possibilidade de projeto em parceria com a equipe da *Praça dos Trabalhadores* (espaço de cultura e lazer localizada no bairro) no desenvolvimento de atividades de recreação na escola.

A prática permanente de apropriação por sujeitos individuais, que se reúnem na escola como professores e alunos, produz a diversificação, a alteração, a historização da realidade escolar. Os significados sociais dos elementos constitutivos das escolas variam de época para época e se entrelaçam no tempo. (EZPELETA e ROCKWELL, 1989). Dessa forma é possível observar que essa prática permanente dos sujeitos que se reúnem na escola, como professores e alunos produz a diversificação e a historização da realidade escolar que encontramos na escola hoje.

Tanto o cotidiano observado na escola, sua organização e funcionamento como os documentos produzidos por seus profissionais demonstram que esta escola caminha para um trabalho diferenciado com os alunos. E uma das “armas” que os profissionais que nela atuam encontraram para conseguir melhorar a qualidade do trabalho realizado na escola foi o trabalho coletivo.

2.2 E nós (estagiárias) como chegamos à escola?

Tudo começou na disciplina de Estágio Supervisionado I, oferecida para alunos do sexto semestre da graduação em Pedagogia da Unicamp, nesta disciplina tínhamos que realizar o estágio em uma escola de ensino fundamental da rede pública. Faz-se necessário salientar que no semestre anterior já havíamos cursado as disciplinas: Fundamentos de Ensino de Ciências, Fundamentos do Ensino de Matemática e Práticas de Ensino para o Ensino Fundamental, que também exigiam um contato com a escola, e foi através da integração destas três disciplinas que algumas alunas de nossa turma tiveram contato com a escola.

Pela “propaganda” feita por duas colegas da turma (M. e E.), no semestre seguinte, mais alunas resolveram conhecer a escola em que elas estagiavam. Cabe ressaltar que foram sete alunas para esta escola, mas o trabalho coletivo foi realizado por cinco destas, por conta de duas das alunas estarem realizando estágio à tarde e o restante de manhã.

O grupo se formou por conta do trabalho exigido como avaliação na disciplina de Estágio, a realização de um projeto de ensino-aprendizagem, duas das integrantes do grupo (M. e E.) já conheciam a escola por conta da atividade do semestre anterior. Estavam chegando à escola pela primeira vez mais três integrantes deste coletivo: F (eu), a S. e a FS. Após cada uma de nós conversarmos com a coordenadora, nos dividimos nas turmas da seguinte maneira:

Turma	Estagiárias
3ª série A	E. e M.
4ª série B:	F. (eu) e S.
4ª série C:	F. S.

2.3 - A recepção da escola

Posso dizer que não foi por acaso que realizamos um trabalho coletivo nesta escola, por conta do trabalho coletivo que existe entre os profissionais que dela fazem parte, ou seja, o ambiente de cooperação da escola influenciou, muito, o nosso trabalho.

Além disso, a postura da escola, de abertura ao estágio, foi desde o primeiro dia apresentada para as estagiárias por meio da coordenadora pedagógica que nos recebeu e deixou bem claro o que a escola tem a oferecer para nossa formação no estágio. Entretanto, ela deixou também clara qual postura a escola espera das estagiárias: a de participação e cumplicidade com o trabalho da professora.

“Necessário se faz citar aqui como temos proposto o trabalho com os estagiários e pesquisadores dos diferentes cursos que têm procurado a escola. *Evidenciamos que a escola está aberta ao trabalho dos mesmos, mas que entendemos sua atuação como algo a mais do que pressupõe a observação.* Desta forma, no contato inicial com a orientação pedagógica, os estagiários se apropriam minimamente de informações significativas sobre a rotina da escola e o Projeto Político Pedagógico, sendo encaminhados aos professores ou grupos de professores que desenvolvam atividades *pertinentes à sua área de interesse*, para um possível e necessário trabalho conjunto” (Projeto Político-Pedagógico da escola (2006), p. 27, *grifo nosso*).

Entretanto, apesar de esta escola caminhar para um trabalho integrado, ela ainda apresenta alguns problemas quanto à inserção de novos professores a realidade da escola, no contato com o cotidiano da escola percebemos quanto é difícil trabalhar de forma integrada, em uma das turmas em que estagiamos havia uma professora recém chegada na escola, e nesta sala que relação entre a professora e a estagiária não foi muito sólida, quanto nas outras salas.

2.3 A relação com as professoras

A relação com as professoras foi em sua maioria de parceria, no entanto, em um dos casos (4ª C), não houve uma integração tão forte entre a estagiária e a professora. Pude perceber que a relação de parceria, ou não parceria, foi decisiva, pois, percebemos ao fim do projeto o quanto nas salas com apoio da professora o trabalho ficou mais articulado com a turma, pois o apoio das professoras nos trazia maior segurança.

Entretanto, cabe ressaltar que a relação de parceria não foi estabelecida justamente na turma da (4ªC), e que nesta turma se encontrava a professora recém chegada na escola, que não estava acostumada a receber estagiárias em seu trabalho anterior, além disso, como esta professora não estava totalmente integrada em sua sala de aula, ela parecia não se sentir segura para receber alguém em sua sala.

Neste trecho do portfólio da estagiária podemos perceber que desde o início havia um clima de insegurança na relação entre a professora e a estagiária.

“... dada à hora do intervalo conheci a professora, e sem olhar em meus olhos ela me disse que havia entrado na escola há pouco tempo e que as crianças estavam se adaptando a ela... a insegurança daquela professora me deixou um pouco preocupada, pois não sabia se ela me queria em sua sala”. (Relato da estagiária F.S. a respeito da relação com a professora da 4ªC).

E no decorrer das narrativas do portfólio da estagiária podemos perceber que a relação entre ela e a professora não melhorou com o convívio, podemos perceber isso no trecho que segue:

“... o sentimento de desconfiança da professora era presente a cada dia que eu estava no estágio, tentava ajudar, distribuindo folhas na sala, me ofereci varias

vezes para ajudar e ela dizia que não precisava... não me sentia a vontade". (Relato da estagiária F.S. a respeito da relação com a professora da 4ªC).

Na entrevista coletiva, discutimos sobre este caso e percebemos como o processo de trabalhar de forma integrada em uma escola, às vezes é demorado e trabalhoso, no entanto, percebemos que um fator a se pensar ao trabalhar de forma integrada, é a inserção de novos membros no coletivo, percebemos que neste caso houve falta de sensibilidade dos membros do coletivo da escola, para perceber como aquela professora ainda precisava de um tempo maior para se integrar a essa nova realidade, e que a presença de uma estagiária na sala, poderia não ajudar nesta fase de adaptação.

Já a relação com as professoras que estavam na escola há mais tempo foi de acolhimento e parceria. Aprendemos muito neste convívio com elas, mas este não foi apenas um espaço de aprendizagem para nós, foi também um espaço de troca entre nós e as professoras, trocas: de opiniões, de experiências, enfim esta foi uma relação de abertura de ambos os lados.

É o que podemos perceber através deste depoimento da estagiária (M), que relata como a relação com a professora foi essencial para o bom andamento do projeto que realizamos.

"A parceria e a relação de confiança que a professora da sala estabeleceu comigo e com a outra estagiária da sala, durante o estágio, foi uma das principais causas do sucesso desse Projeto. Tanto que nos cedeu praticamente uma semana de aula, nos dando total liberdade para trabalharmos com os alunos. Assim, pudemos 'mexer' na configuração da classe (trabalhos em grupo, dupla, em círculo), trabalhar com diferentes meios de comunicação (data show/ filmes), e com linguagens que até então ela não tinha trabalhado". (Relato da estagiária M. a respeito da relação com a professora da 3ª A).

Este outro depoimento nos mostra como havia certa interação entre as estagiárias e as professoras, em que às vezes se ensinava muito com apenas um olhar.

“Parcerias com as professoras, que nos deram toques, olhares que nos foram capazes de dizer muito mais do que seria dito em uma conversa! E conversas que nos disseram muito mais do que nos fora dito até hoje sobre este espaço tão complexo em que se realiza a educação!”. (Relato da estagiária S, a respeito da relação com a professora da 4ªB).

Estes depoimentos nos mostram que o trabalho no estágio realizado de forma integrada entre de professoras e estagiárias, se realizou através de uma construção conjunta de conhecimentos, no qual todas nós, professoras e estagiárias fomos incorporando, aprendendo no decorrer do estágio diferentes formas de interpretar e transformar a realidade.

Sobre isso, Marx (1986) nos mostra que não nos basta conhecer e interpretar o mundo, é preciso transformá-lo, e será, a atividade teórica que possibilitará o conhecimento da realidade e o estabelecimento de critérios para sua transformação. Desta maneira, através da reflexão da prática no estágio, nós estagiárias, tivemos oportunidade de transformar nossas práticas, com objetivos claros de transformação dos alunos, no que diz respeito à questão energética, ou seja, através de nosso trabalho buscamos possibilitar aos alunos discussões que permitisse aos alunos maior consciência de suas ações e seu papel dentro de nossa sociedade, no que diz respeito ao consumo consciente de energia.

Para produzir tal transformação apenas a teoria não é suficiente, deve-se atuar praticamente, sendo que o prático no marxismo é social, utilitário. Assim o trabalho, sua “prática”, deve ter uma intenção, ser motivado por um objetivo com bases em um compromisso político e social.

O estágio é um momento propício para que isso ocorra, pois este exige que relacionemos tudo que aprendemos na teoria vista na Universidade, com o que estamos vendo e fazendo na escola. Nosso objetivo era claro, todas nós professoras e estagiárias tínhamos intenção de aprender e ensinar mutuamente, através do trabalho pedagógico integrado e da relação com os alunos. Desta maneira, no estágio percebemos na prática que: *“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”* (Freire, 1996, p. 25).

Este depoimento de uma das professoras, presente em uma carta escrita para as estagiárias de sua sala nos mostra como a experiência do estágio um momento de troca e aprendizado também para ela.

“Vocês mostraram-me que vale a pena valorizar sempre a solidariedade e as vantagens das parcerias, e o quanto refletir no coletivo traz resultados positivos. Compartilhar experiências, trocar teorias acrescentam nossas práticas, desvendando em nossas crianças o melhor deles”. (Relato da Professora C. (4ºB) a respeito do trabalho das estagiárias em sua sala).

Podemos concluir que a relação com as professoras da sala foi em sua maioria a de parceria. E esta relação de parceria, aliada a vivência cotidiana do trabalho desenvolvido nesta escola e a importância que os profissionais desta escola dão ao estágio, tiveram uma influência positiva, no que diz respeito ao aprendizado da prática coletiva que vivenciamos durante o estágio. Além disso, esta experiência foi recíproca, pois, também influenciamos no trabalho das professoras da escola.

3. CAPÍTULO III - O projeto de ensino – aprendizagem

A experiência coletiva que vivemos durante o estágio, pode ser percebida através da narrativa da construção e execução do projeto de ensino-aprendizagem. Para construção desta narrativa, utilize-me dos portfólios das estagiárias, além de fotos que ilustram o andamento da realização do projeto. Procurei organizar as idéias de tal maneira que pudesse ficar evidente qual foi o trabalho coletivo realizado durante o estágio.

3.1 A escolha do tema e o planejamento das atividades

O tema do projeto, “Energia” foi uma sugestão das professoras das turmas que estagiamos, tendo em vista que escola toda estava participando de um projeto de uma companhia de energia elétrica e como elas já teriam que preparar este projeto seria interessante que nós preparássemos, junto com elas, assim todas as turmas em que estaríamos teriam conteúdos sobre o tema proposto.

O planejamento das aulas ficou sob nossa responsabilidade, mas também utilizamos às diretrizes passadas pelas professoras e sempre contando com o suporte das mesmas. O projeto foi realizado em diferentes séries (2 turmas de 4ª série e 1 turma de 3ª série), e devido a esse fato, os conteúdos pensados por todas nós foram, posteriormente, ajustados às necessidades de cada classe.

A carga horária deste projeto totalizou 16 horas, divididas em quatro aulas durante uma semana. Para concretização de tal projeto recebemos material das professoras³, entretanto, percebemos que as atividades destes materiais não atendiam as especificidades das classes que iríamos trabalhar. A partir disto, conversamos com as professoras e decidimos

manter o tema energia, cumprindo algumas exigências do projeto (preenchimento de fichas pelos alunos sobre consumo de energia em suas residências), no entanto, as aulas, assim como os conteúdos e a metodologia seriam pensados por nós com ajuda das professoras de cada turma.

O nosso objetivo ao final deste projeto de ensino era de que os alunos se mostrassem conscientes em relação à questão energética. Assim, tínhamos a intenção de que os alunos pudessem, através das aulas, conhecer os diversos tipos de energia utilizados atualmente, compreender a relação sociedade/natureza e a ação do homem como modificador da natureza, bem como saber discernir as ações adequadas à conservação da natureza, provocar mudanças de comportamento quanto à questão energética na escola e na comunidade.

O planejamento geral do projeto foi realizado em grupo, o resultado deste planejamento é o esboço que segue (figura 1), no entanto, para cada turma houve mudanças e adaptações que foram necessárias devido às especificidades de cada classe como, o estilo de trabalho do professor da turma, a relação entre o professor e sua turma, a relação da estagiária com a professora e com a turma, e também por se tratar de turmas em séries diferenciadas. Além disso, após cada dia do projeto conversávamos sobre o trabalho que havíamos realizado e estas conversas nem sempre tinham hora marcada, estávamos tão envolvidas com o trabalho que conversávamos em todo lugar que nos encontrávamos.

“Posso dizer que foi um grande sucesso! Nossa pensar o projeto com as meninas, e com a ajuda das professoras, foi muito importante! Trocamos tantas idéias, na escola, no ônibus, na cantina, no centro acadêmico... E nossas conversas só contribuíram para nossa organização” (relato da estagiária M (3ªA) a respeito das conversas para o planejamento do projeto).

³ As professoras de nossas turmas de estágio participaram de um curso que abordava a questão da energia e seu consumo, ministrado pela CPFL, através do qual receberam vários materiais com este conteúdo (fitas de vídeo, questionários sobre consumo de energia elétrica e alguns livros com os conteúdos a serem trabalhados).

3.2 Energia! O projeto em ação...

No primeiro dia, havíamos planejado uma aula conjunta entre as três turmas, entretanto, a turma da 4ª série C, não participou da aula conjunta, pois a professora achou melhor que os alunos fizessem na sala de aula, para evitar que eles fizessem muita bagunça. Desta maneira, a estagiária F.S trabalhou o conteúdo da aula conjunta em sala de aula e não no refeitório como as outras turmas. E apesar não ter acontecido tudo como havíamos planejado, a estagiária da 4ªC conseguiu trabalhar todos os conteúdos com a turma, e houve grande participação dos alunos em todas as atividades propostas.

A intenção de trabalhar com as três turmas juntas era a de proporcionar troca de conhecimentos e vivências entre as diferentes turmas, a escolha do conteúdo foi realizada no planejamento entre as estagiárias e tivemos também o apoio e a supervisão das professoras, esta aula teve o objetivo de introduzir o tema “Energia” que trabalharíamos durante a semana toda.

A aula conjunta para as series (3ªA e 4ªB) aconteceu no refeitório da escola, e o tema desta aula foi “à descoberta das diferentes formas de energia”. Para esta aula utilizamos o vídeo feito por nós sobre as diferentes formas de energia, e os filmes da Kika, da TV Cultura (episódios: “De onde vem a energia”, “De onde vem o trovão” e “De onde vem o petróleo”).

Após o intervalo, cada turma voltou para sua sala, na qual cada estagiária trabalhou com experiências. Os alunos de todas as turmas demonstraram grande interesse e surpresa com os resultados das experiências e todos quiseram manusear os experimentos.

A proposta de se trabalhar com mais de uma turma nos surpreendeu, pois, estávamos apreensivas diante da proposta de mudar o ambiente de aula para o refeitório, afinal, estaríamos lidando com duas turmas, que normalmente não estão acostumados com este tipo de dinâmica.

Pela experiência deste dia, pudemos perceber que, às vezes, é necessário ter coragem para arriscar, tentar fazer diferente, mesmo sem a total certeza de sucesso, e que o trabalho em conjunto foi essencial para que a aula acontecesse.

“Confesso que estava com medo, mas no final das contas foi um sucesso! Eles adoraram a apresentação dos vídeos em Power Point sobre as diferentes fontes de energia, participaram, bagunçaram um pouquinho, mas foi muito legal!” (Relato da estagiária M. (3ª série) a respeito da experiência do primeiro dia de projeto).

...Imagens 1º dia...





No segundo dia, ao longo da primeira parte da aula, explicamos os conceitos potência e kWh; a construção de tabelas a partir das informações das fichinhas⁴, que foram elaboradas por nós estagiárias. Após o intervalo, planejamos a apresentação de gráficos de barras e a construção de gráficos a partir dos dados da tabela. Depois disso, explicamos a leitura de uma conta de luz.

Neste dia, percebemos que a nossa inexperiência fez com que acumulássemos muitos conteúdos em uma única aula, por essa razão, em todas as turmas os alunos e nós, estagiárias, ficamos muito sobrecarregadas e muitas atividades não foram concluídas.

Depois dessa aula, tivemos uma conversa muito construtiva com a professora da 4^aB, ela nos alertou sobre a dificuldade de se trabalhar muitos conteúdos, de uma mesma disciplina, durante a aula, contudo, nesta conversa a professora nos motivou mostrando a importância destes aprendizados para a nossa formação enquanto futuras professoras.

Assim, através das experiências deste dia notamos o quanto o processo de avaliação do nosso próprio trabalho foi importante para dar continuidade ao projeto, percebemos o quanto aprendemos nos auto-avaliando e assim através da reflexão sobre nossa prática no estagio estamos também nos constituindo como professoras.

⁴ Cada fichinha apresenta um aparelho elétrico, sua potência e o tempo de consumo de 1kWh.

... Imagens 2º dia...



Já no terceiro dia, ao longo da primeira parte do período, contamos a história do “Lolo Barnabé”⁵, e, após a história, houve uma discussão sobre os impactos ambientais causados pelas diferentes formas de se produzir energia, e formas de economizar energia. Depois do Intervalo, dividimos a classe em grupos, propondo que cada grupo confeccionasse dois ou mais cartazes para alertar a comunidade sobre a necessidade de se economizar energia.

Neste dia na turma da 4ªC, onde estava à estagiária F.S. em um momento da aula, em que a estagiária estava de costas para a turma e uma bolinha de papel veio em direção da lousa e bateu em seu rosto. Depois disso, por desespero e insegurança, a estagiária disse para a professora que só iria continuar até a hora do intervalo, e que depois não voltaria mais, que não estava mais agüentando. Essa situação mexeu com o grupo todo de estagiárias, pois nenhuma de nos sabia ao certo o que fazer ou o que dizer, pois nossa amiga estava muito frustrada, como podemos perceber neste trecho de seu portfólio:

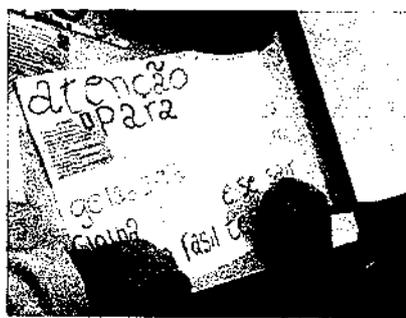
“Não foi uma atitude muito boa, aliás, NADA boa ter saído assim da minha sala, mas eu estava no meu limite. Nunca imaginei que teria uma postura como essa, eu não imaginei, que um gesto como esse me quebraria as pernas...” (Relato da estagiária F. S. (4ª C) a respeito da experiência do terceiro dia de projeto).

⁵ FURNARI, E. *Lolo Barnabé*. São Paulo: Editora Moderna, [s.d.].

Mas ao fim das aulas neste dia a diretora e a coordenadora, que já estavam sabendo do ocorrido, chamaram a estagiária e a professora para uma reunião, onde todas puderam falar, nessa reunião ficou claro que a professora não queria estagiárias em sua sala, pois ainda não se sentia segura com a turma, a coordenadora disse que iria ajudar e que a estagiária deveria terminar o projeto que havia começado.

Podemos considerar esta atitude tomada pela coordenação da escola como um grande diferencial da escola no que diz respeito ao trabalho com estagiários. Através desta atitude, de intervenção na sala da turma da 4ªC, pois além da preocupação com a continuidade do projeto e suas implicações para os alunos da turma 4ª C, a coordenação da escola demonstrou compreender a importância do estágio para os alunos do curso de Pedagogia, e também a importância de uma relação de cumplicidade entre as estagiárias e as professoras da sala.

... Imagens 3º dia...



No outro dia, último dia de projeto a diretora e a coordenadora entram na turma da 4ªC e tiveram uma conversa com a turma, e depois a F.S assumiu a sala e terminou o projeto como havíamos planejado no início. Assim, os alunos da 4ªC puderam trabalhar com a história em quadrinhos e depois fizeram uma avaliação do projeto.

Já nas outras turmas, houve a construção de uma história em quadrinhos, explicando aos alunos suas características: personagem, enredo, cenário, tipos de balões. Após esta

atividade, cada aluno produziu sua história em quadrinhos a partir do tema energia. Após o intervalo, pedimos aos alunos que fizessem uma avaliação, por escrito, do nosso trabalho durante a semana.

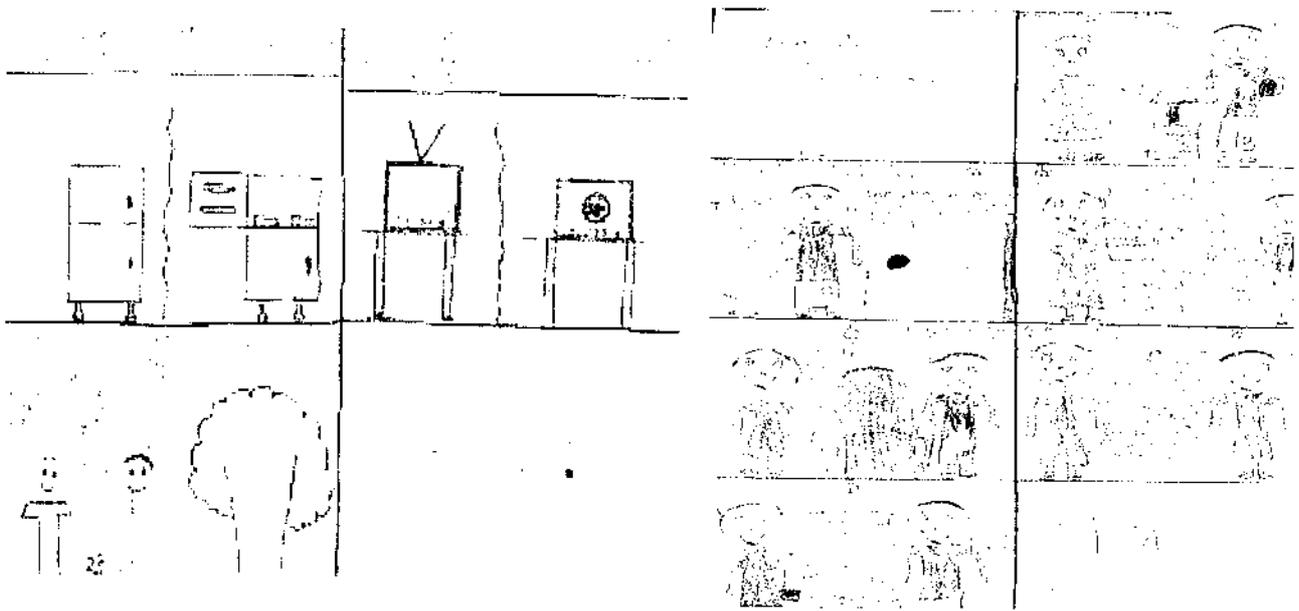
Tanto as histórias em quadrinhos, quanto as avaliações dos alunos sobre o projeto, possibilitaram que nós pudessemos perceber os conceitos apreendidos pelos alunos durante o projeto. Notamos, que na maioria das histórias em quadrinhos prevaleceram dicas para economizar energia, e este foi um tema muito citado também nas avaliações dos alunos. Através dos trabalhos dos alunos percebemos que nosso objetivo inicial foi alcançado, ou seja, conseguimos que os alunos pudessem pensar de forma crítica a questão energética e, mais que isso, que eles levassem estas idéias para o dia a dia de suas casas.

Nestes trechos da avaliação dos alunos podemos perceber qual a opinião deles sobre o projeto:

“... nossa semana foi muito interessante, legal e divertida. Nós aprendemos sobre a energia elétrica com as estagiárias. Tudo começaram em uma terça-feira dia 17 de outubro de 2006, nós chegamos na escola e elas estavam organizando uma palestra para a nossa classe e para a 3ªA, então as estagiárias da classe da 3ªA também ajudaram. Achei muito legal a organização das estagiárias” (trecho presente na avaliação da aluna A. - 4ªB).

“Nós aprendemos que devemos economizar energia, não só para economizar dinheiro, mas também para proteger a natureza. Por exemplo, a geladeira que nós não devemos deixar a porta da geladeira muito tempo aberta por que enquanto ela está aberta está gastando energia. E a televisão, não pode ficar ligada a noite inteira porque gasta energia.” (trecho presente na avaliação do aluno W - 4ªB).

As histórias produzidas pelos alunos também revelaram muitos conteúdos aprendidos durante o projeto, seguem duas destas produções.



... Imagens 4º dia...



Ao analisar tudo que fizemos na semana do projeto posso dizer que a construção de projetos de ensino na escola é uma oportunidade única do aluno em formação, fazer de sua atuação em sala de aula, um momento de reflexão permanente do cotidiano que está inserido. Pois, com a orientação dos professores da escola e da Universidade o estudante pode, durante o planejamento e execução do projeto, questionar aquilo que ensina não se tornando um mero repetidor de aulas, passivo no processo e fazendo o mesmo com os seus alunos.

Através desta experiência, passamos a compreender o quanto o trabalho coletivo é importante para o docente, uma vez que as parcerias que construímos entre estagiárias e professoras foram criadas a partir das necessidades surgidas durante o planejamento e a execução do projeto. Pois, no coletivo tínhamos oportunidade de discutir e até divergir com opiniões e idéias diferentes. Este coletivo muitas vezes se encontrava nos corredores da escola, na sala dos professores da escola, no ônibus, na faculdade, enfim estávamos tão envolvidas com o projeto que em qualquer lugar que nos encontrávamos não tínhamos outro assunto que não fosse o projeto.

Assim, depois de concluída a semana de trabalho, cada uma de nós levou consigo experiências diferenciadas, além de uma avaliação sobre o que poderíamos ter feito diferente ou no que acertamos. Considerando também, a dinâmica dos alunos em cada sala bem como apoio da professora responsável pela turma e sem dúvida, confirmamos que o espaço do estágio é uma possibilidade de aprendizado da prática coletiva na escola e, além disso, esta experiência proporcionou crescimento tanto para a estagiária quanto para as professoras.

Aprendemos muito ao nos auto-avaliarmos, aprendemos, por exemplo, que devemos evitar atividades que tratem de uma mesma disciplina em um único dia, pois isso pode cansar tanto os alunos quanto o professor. Aprendemos que muitas vezes durante o trabalho de um professor este vai sentir vontade de sair e deixar turma sozinha, como a estagiária F.S fez, entretanto, quando se tornarmos professoras não vamos poder fazer isso, já que a turma será responsabilidade nossa. Apreendemos a ouvir com respeito e sem medo, opiniões e críticas a respeito do nosso trabalho. E desta maneira aprendemos a trabalhar no coletivo e percebemos o quanto essa forma de trabalho ajuda na construção de uma prática reflexiva. Enfim, cada dia no estágio foi um aprendizado desta caminhada longa que teremos pela frente, a de uma formação continua sempre.

4. CAPÍTULO IV - Trabalho coletivo e formação inicial de professores

Para o desenvolvimento deste capítulo, utilizei-me das reflexões feitas a partir da entrevista coletiva e das leituras que fiz sobre o tema: trabalho coletivo. Cabe ressaltar que estas leituras se dirigiam ao trabalho coletivo entre professores, e não entre estagiárias, desta forma o trabalho realizado neste capítulo foi uma busca de “cruzar” estas leituras ao meu tema de pesquisa: o trabalho coletivo no estágio.

O trabalho em equipe possibilitou diálogo e reflexão e estes trouxeram conseqüências positivas de crescimento de todo o grupo de estagiárias e também das professoras com quem fizemos estágio. O trabalho coletivo foi de fundamental importância para o sucesso do trabalho pedagógico e apesar do trabalho ser realizado de forma coletiva nós estagiárias tivemos autonomia para planejar e tomar decisões referentes ao direcionamento de nosso trabalho.

Sobre isso, (PERRENOUD, 2000) nos mostra que o conflito faz parte do trabalho coletivo, pois ele é expressão da capacidade de recusar e divergir, e esta é uma característica da autonomia do professor. E para o trabalho em grupo é preciso que seus membros tenham autonomia para agir quando não for possível trabalhar junto.

“O verdadeiro trabalho em equipe começa quando membros se afastam dos muros das lamentações para agir, utilizando toda a zona de autonomia disponível e toda capacidade de negociação de um ator coletivo que está determinado para realizar seu projeto”. (PERRENOUD, 2000, p. 89).

Este autor aponta ainda, que a evolução da escola caminha em direção à cooperação profissional e, desta maneira, trabalhar em equipe torna-se uma necessidade mais ligada a uma evolução da profissão do que uma escolha pessoal, ou seja, o trabalho em equipe é uma necessidade que surge quando o professor quer melhorar o seu trabalho.

As vivências no cotidiano escolar e a experiência do projeto de ensino – aprendizagem permitiu que nós, estagiárias, percebemos como o trabalho na escola exige cada vez mais ações coletivas, acompanhamos os profissionais da escola em que fizemos estágio lutando dia a dia para construir um coletivo na escola. E em nosso trabalho durante o estágio sentimos na pele a necessidade das discussões coletivas para o desenvolvimento do projeto.

Durante a entrevista coletiva este foi um ponto que obteve destaque, as estagiárias compreenderam que o trabalho coletivo é cada vez mais uma necessidade do trabalho do professor, entretanto, percebemos que a formação inicial do professor, ou pelo menos a nossa formação acadêmica, caminha na contramão do trabalho coletivo, pois temos uma formação individualista, e competitiva que reflete nossa sociedade.

“... a Universidade é muito individualista, a gente chega aqui é só competição, desde do vestibular até a hora que a gente se foram: é o melhor trabalho, a melhor nota, não somos incentivados a trabalhar em equipe. E eu acho que chegar no estágio e conseguir fazer uma coisa juntas sabe, foi muito importante pois aprendemos a respeitar as opiniões e disposições de cada uma de nós e eu acho que isso foi uma lição legal que ficou para gente assim, além do estágio, além da experiência além das discussões” (fala da estagiária M. durante a entrevista coletiva)

Assim, acredito que devemos valorizar experiências como as que vivenciamos durante o estágio, pois todas nós temos consciência que esta foi uma das poucas experiências de trabalho coletivo que tivemos durante nossa formação acadêmica, e que ela será essencial para nossa prática ao ingressarmos em uma sala de aula como professoras, e não mais como estagiárias.

VIANNA (1999) ao discutir o trabalho coletivo, o faz ao nível da consciência política, para ela o professor torna-se mais comprometido com sua escola e conseqüentemente adota de forma mais consciente, uma ação crítica sobre sua própria prática. Segundo a autora a

consciência política surge através do trabalho coletivo, pois através deste o professor deixa de lado sua individualidade e constrói sua identidade coletiva onde os professores buscam a compreensão da realidade em que atuam.

Para VIANNA (1999) quando existe a reflexão sobre a prática pedagógica e conseqüentemente sobre a ação coletiva, deixa-se de lado o padrão do professor sacerdote e o substitui pelo professor trabalhador, ou seja, os professores passam a ter uma postura de reivindicação coletiva e assim deixam de lado a postura passiva.

Este trabalho procura demonstrar o quanto é importante incentivar e valorizar o trabalho coletivo desde a formação inicial do professor, e em todas as disciplinas, não apenas na de estágio, pois este será um primeiro passo para a construção da consciência política destes futuros professores, uma consciência política construída por experiências coletivas.

Durante a entrevista coletiva percebemos o quanto nós fomos influenciadas pelo clima de trabalho coletivo presente na da escola, as professoras sempre em nossas conversas falavam sobre a importância de se trabalhar em conjunto para a construção de uma prática transformadora. Além da escola, o próprio formato da disciplina de estágio, que propiciava discussões coletivas em sala sobre nossas vivências no estágio e exigia um projeto que fosse realizado em grupo, fez com que aos poucos fossemos criando uma consciência de grupo.

Assim, pude perceber que as estagiárias demonstraram grande respeito e admiração pelo trabalho coletivo desenvolvido pelos profissionais da escola. Aprenderam muito, sobre a construção da consciência coletiva através da experiência a que viveram no estágio. E certamente estas experiências podem ser consideradas situações formativas, que possibilitam a construção da consciência política destas futuras.

Sobre o grupo LAPASSADE (1983) nos mostra que este pode ser definido como pessoas interdependentes unidas por um trabalho coletivo numa tarefa em comum, relacionando esta definição à nossa experiência de estágio, podemos notar que tínhamos que

realizar um trabalho em grupo, um projeto de ensino-aprendizagem, que seria nossa avaliação nesta disciplina.

Entretanto, além do trabalho já existente na escola, do formato da disciplina de estágio outro fator contribuiu para esta consciência de grupo: o fato de nós estagiárias, já nos conhecermos a pelo menos três anos, tínhamos alguns ideais em comum, e por isso escolhemos fazer o trabalho juntas. Assim, acredito que um fator crucial para o desenvolvimento de um trabalho coletivo durante a formação acadêmica do professor é que este coletivo deve ser formado sem que seja por imposição de um professor, e, além disso, toda a disciplina deve ser trabalhada de forma coletiva.

Este foi o estudo de um caso, ou seja, o estudo de uma situação singular, e não generalizável. Entretanto, estas experiências de trabalho coletivo que algumas estagiárias viveram em uma determinada escola de Campinas, pode nos ajudar no olhar sob outras situações de estágio e de formação inicial de professores.

Nossa experiência foi enriquecida pela vivência nesta escola, que já realiza um trabalho coletivo entre os seus profissionais, mas como já foi dito o formato da disciplina de Estágio Supervisionado, também contribuiu para que este trabalho acontecesse de forma coletiva.

Compreendendo que experiências acadêmicas coletivas, realizadas durante a formação inicial do professor, contribuem para a construção da consciência coletiva dos alunos de Pedagogia. Acredito que o estágio seja um espaço propício para que isto ocorra, pois durante o estágio, alunos e professores têm possibilidades de vivenciar o trabalho pedagógico na escola. Assim, o trabalho coletivo no estágio vem de encontro às necessidades da escola, pois como nos diz PERRENOUD (2000), a escola caminha cada vez mais para o trabalho coletivo, para cooperação.

Desta maneira, se faz necessário pensar, como o trabalho coletivo, está inserido na formação dos profissionais que irão atuar nas escolas. Este trabalho procurou demonstrar como o estágio pode ser um espaço de construção de ações coletivas no interior das escolas.

Entretanto, como já foi dito a forma que a disciplina de estágio é conduzida na Universidade influencia no desenvolvimento de ações como as especificadas neste trabalho. Sobre a disciplina de estágio, acredito qpara a construção de “trabalhos coletivos” no estágio, pode ser incentivada se o professor sugerir que os alunos se reúnam em grupos conforme suas afinidades, que este grupo busque estagiar em uma mesma escola, e que seja incentivada a construção e execução de um projeto de ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho coletivo é visto por muitos autores como um fator essencial para o desenvolvimento do trabalho de docentes na escola. Por isso, acredito que esta forma de trabalhar deve ser incentivada desde a formação inicial do professor. Através da experiência coletiva relatada nesta pesquisa, nós estagiárias aprendemos como para o professor, é importante ter com quem dividir suas dúvidas, medos e reflexões a cerca do trabalho que desenvolve.

Durante o estágio sentimos o “gostinho” de sermos professoras, e percebemos como as trocas que se realizaram entre nós, estagiárias e professoras, foram essenciais para que nós sentíssemos mais seguras para arriscar a fazer algumas coisas que sozinhas sabíamos que não teríamos coragem, nem experiência para fazer.

E ao longo da construção deste trabalho pude notar que a organização escolar da escola em que o estágio foi realizado trouxe muitas contribuições para o trabalho coletivo que foi desenvolvido pelas estagiárias.

Podemos perceber também, outro fator que contribuiu para o desenvolvimento do trabalho na escola foi o fato de termos como avaliação da disciplina de Estágio Supervisionado a construção e execução de um projeto de ensino-aprendizagem. E esta oportunidade de executar projetos de ensino na escola foi muito importante para nós, estagiárias, pois este foi um momento em que através de nossa prática tivemos a possibilidade de realizar reflexões sobre o cotidiano em estávamos inseridas.

Ao me questionar a fim de procurar algumas respostas a cerca do trabalho desenvolvido, percebi que posso concluir provisoriamente que o trabalho coletivo, durante o estágio, auxilia a reflexão das alunas do curso de Pedagogia, e as ajuda a justificarem o trabalho pedagógico que desenvolvem no estágio, permitindo a estas a tomada de consciência de suas ações,

estimulando a reflexão sobre sua prática ao observar a prática do outro, favorecendo decisões coletivas e a tomada da consciência coletiva, assim também de uma consciência política a cerca do trabalho docente que quando formadas irão realizar.

Posso dizer que esta não será uma tarefa fácil, e que não tenho como apresentar uma receita ou um método de trabalho para que isso ocorra, entretanto, acredito que tanto professores de estágio, quanto alunos dos cursos de Pedagogia devem lutar para que a formação acadêmica de professores não seja repetição e reprodução das ações individualistas de nossa sociedade.

Entretanto, apesar de reconhecer que esta será uma tarefa árdua, acredito que este trabalho vem no sentido de repensar a formação inicial do professor, pois como ter professores agindo coletivamente em suas práticas escolares, se a formação de professores caminha em direção a competição? Por isso, experiências como as relatadas nesta pesquisa devem ser valorizadas, pois nos permitem perceber que há possibilidades de trabalhar o coletivo na formação inicial do professor, e assim pensarmos em uma outra formação docente.

Posso dizer por mim e pelas outras estagiárias que nossa formação foi modificada com esta experiência, saímos do estágio percebendo que na prática, quando estivermos trabalhando como professoras, vamos precisar de muitas e muitas parcerias, e isso com certeza vai nos ajudar muito em nossa carreira docente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, M. E. D. de A. **Estudo de caso em Pesquisa e Avaliação Educacional**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

ARROYO, Miguel. “Estágio Curricular” *In Anais do Encontro sobre Nacional sobre estágio curricular*. Niterói : Universidade Federal Fluminense, 1989. v. 1. p. 104-112.

ANTUNIASSI, M. A construção do objeto de pesquisa na Sociologia. In: LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo (org.) **Reflexões sobre a pesquisa sociológica**. *Textos Ceru*, 8 , 2ª. Série, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHINOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BAKHTIN, Mikhail (tradução Paulo Bezerra). **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

EMEF P. **Plano Escolar**. Campinas: A Escola, 2005.

EMEF P. **Projeto Político- Pedagógico**. Campinas: A Escola, 2006.

EZPELETA, Justa e ROCKWELL, Elsie. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, H. O trabalho como princípio articulador na prática de estágio e nos estágios. 2ª edição. Campinas, SP: Papirus, 2002.

FREITAS, M.T. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. Cadernos de Pesquisa, n. 16, 2002, p. 20-39.

KRAMER, S. Entrevistas coletivas: alternativa para lidar com diversidade, hierarquia e poder na pesquisa em ciências humanas. In: FREITAS, M. T. A.; KRAMER, S.; SOUZA, S. J. (orgs.) **Ciências humanas e pesquisa: leituras de Bakhtin.** São Paulo: Cortez, 2003.

LÜDKE, M e ANDRÉ, M. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

VIANNA, C. Os nós dos “nós”: crises e perspectivas da ação docente em São Paulo. São Paulo: Xamã, 1999.

VYGOTSKY, L.S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ANEXOS

ANEXO 1: Entrevista Coletiva

No início da entrevista houve a apresentação das estagiárias através de um relato sobre suas histórias de vida até a escolha pelo curso de Pedagogia. Entretanto, decidi reservar esta parte da entrevista, por conter traços muito pessoais das entrevistadas.

No entanto, irei ressaltar algumas características deste grupo de estagiárias: todas estudaram em escolas públicas e fizeram cursinho para entrar na Universidade. Todas trabalharam antes de entrar na Universidade. E a escolha pela profissão se deu por que as estagiárias queriam um curso da área de humanas, que não fosse muito competitivo no vestibular.

Após esta conversa foi introduzida a temática: *O trabalho realizado no estágio*. E expliquei que todas poderiam fazer perguntas e discutir, sem que precisasse de minha intervenção como entrevistadora.

ENTREVISTA:

M.:

Sabe que eu estava pensando nisso outro dia, a gente reclama muito dos professores, também eles dão motivos, mas enfim, na verdade eu estava pensando nos professores, eu acho que foi uma das experiências mais legais que eu tive dentro do curso, assim. Não to falando de conteúdo, eu to falando de dinâmica, de relação, de troca, disso mesmo. Lembra daquela professora boazinha que dava aquela aula de Educação Especial, na verdade eu lembrei dela e daí eu puxei a questão do estágio, que eu achei que foi bacana.

Eu não sei o que vocês vão dizer. Mas eu acho que como a gente quer discutir. Mas hoje a Universidade é muito individualista, a gente chega aqui é só competição, desde do vestibular até a hora que a gente se foram: é o melhor trabalho, a melhor nota, não somos incentivados a trabalhar em equipe. E eu acho que chegar no estágio, e conseguir fazer uma coisa juntas sabe, foi muito importante, pois aprendemos

a respeitar as opiniões e disposições de cada uma de nós e eu acho que isso foi uma lição legal que ficou para gente assim, além do estágio, além da experiência além das discussões.

FS.:

Com relação ao trabalho coletivo no nosso grupo, nós estudantes de Pedagogia, mas é interessante a gente ver que a gente foi lá com o trabalho coletivo e eles lá também têm esse trabalho coletivo, os professores, eles tão tentando com a ajuda do (G.) e da (A.) é lógico, fazer este trabalho coletivo.

No meu caso, era professora... que eu não sei, os méritos para mim ainda estão muito complicados, mas ela estava se inserindo ali, ainda no contexto, e ela era uma professora bem fechada, então assim ela viu que a escola era diferente, ela usou estas palavras, então assim ela não conseguia se encaixar, ela não conseguia se adequar, então assim tinha um problema da relação dela com as crianças, porque eles gostavam muito da outra professora, por n motivos: ela era comunicativa, amorosa, ela era uma boa professora, colorida, ela usava roupas extravagantes um sorriso aberto, e de repente trocou a professora e era uma pessoa religiosa, fechada, as cores das roupas dela já mostravam que ela era uma pessoa diferente, fechada, não sorria, e ia aumentando cada vez mais, então ela tava perdendo o brilho, na hora que eu entrei ela já tava perdendo o brilho, eu vi isso em 4 semanas que a gente foi direto, e eu fui vendo o respeito que as crianças cada vez mais não tinha, e estavam transferindo para mim também, eu acho complicado que eu tava ali observando e depois eu ia ali também ficar ali na frente.

E ai essa coisa dela não conseguir se inserir na escola, por causa dessa coisa do trabalho coletivo também, por que ela via os professores andando com as sua estagiárias, fazendo um trabalho legal, um trabalho coletivo da professora com a estagiária, e de repente teve este bloqueio dela está tão fechada, por que ela via que estava tudo andando tão bem assim aparentemente, e ela não conseguia ter a mão da aula dela, que ela seguia bastante o livro, eu acho que no caso as outras professoras não seguiam tanto o livro e ela não conseguia, e estava perto daquele festival, das flores cores e sabores, daí já tava um movimento todo, que foi na sala professora (M.) (da 3ª A) e estava acontecendo um movimento todo, e na sala dela ela estava sempre seguindo o livro, seguido o livro. e ai ela estava um pouco bem perdida, e essa coisa do trabalho coletivo que eu até me perdi é que é difícil trabalhar coletivamente entrando assim, sendo jogada. Então, ela

foi "jogada" numa escola com trabalho coletivo, entre professores, e logo "jogada" com um grupo de estudantes que também estava trabalhando coletivamente, então para ela foi um choque, é interessante quando as coisas caminham juntas para ter um trabalho coletivo mesmo então...

M.:

Mas isso que a (FS.) está falando é interessante, porque a gente está falando de um trabalho coletivo nosso que aconteceu junto, a gente caiu de pára-quadras junto, nos fomos estimuladas junto, então é um movimento diferente, e isso é um ponto forte que tem que ser pensado em relação ao trabalho coletivo, porque existe movimento dentro da escola, existe movimento em todo lugar, então a questão não é simplesmente se adequar, não é simplesmente..., não sei acho... que existe, acho que o trabalho coletivo tem que ter um movimento de aproximação...

E.:

De estar disposto, aberto, a isso...

M.:

É claro não cai do céu

E.:

E isso da gente trabalhar todo mundo junto, a gente não pode negar que vem um pouco da nossa formação aqui, de como a gente passou a construir, a idéia de escola, que ... por que foi assim ... se eu fosse começar a trabalhar coletivamente, aquela (E.) que eu no começo eu falei para vocês, eu não sei se eu ia ter a mesma dinâmica entendeu... Eu acho que a hora que a gente foi lá para fazer o trabalho coletivo, tal. a gente já tinha uma idéia de... por que assim, aqui pelo menos a gente passou a desconstruir uma idéia de escola que a gente tinha antes ... E aí o que acabei achando legal no trabalho coletivo que a gente fez assim é que... além de tudo que (M.) falou.

Eu que eu acho que eu acabei me perdendo, tudo bem eu tô ficando nervosa, é como aquela frase... 2 cabeças pensam melhor do que uma, e aí na verdade 5 cabeças pensam melhor que 1, por que, daí vão se juntando várias histórias diferentes, e que vieram lugares diferentes e que pensam coisas diferentes e vão olhar para aquela realidade e por mais que a gente reflita, ainda por que a gente aqui (na Universidade)

também é lapidado, lógico, agente não pode negar isso, por mais que a gente reflita com a cabeça que a gente é formado na academia, a gente tem uma história que vem antes que vai compor tudo isso que a gente vai pensar depois das coisas que a gente vê dentro da escola. Eu acho que isso foi legal.

M.:

Eu acho que tem uma outra coisa, é o que a gente acabou de ver a gente sempre trabalhou junto, quase desde que a gente entrou na faculdade, sabe é outra dinâmica, a gente se conhece a gente se relaciona, a gente não foi trabalho em conjunto com a aquela que senta ali no fundo que a gente nunca conversou ou só cumprimentou e de repente a gente do lado e diz e aí vamos fazer um trabalho em conjunto? vamos fazer um projeto? então existe isso também, eu acho que isso tem que ser levado em consideração. Eu acho que não é a mesma coisa, mas é muito próximo do que aconteceu com a professora da (FS.). De chegar num lugar, se tivessem falado, vamos fazer um trabalho conjunto, a vai você, com você, com você. Eu tenho quase que certeza que ia ser outro trabalho, num tinha como ser, num sei se melhor ou se pior mais diferente com certeza.

E.:

Você está querendo dizer que na verdade tinha que ter uma abertura dos dois lados, tanto uma abertura para ela que era diferente e estava chegando neste espaço, como uma abertura...para outras pessoas de repente não ficarem esperando dela que ela fosse X.

M.:

Eu não sei o que eu to querendo dizer, mas eu acho que isso que você disse trás uma coisa, eu acho que existe alguma coisa que eu não sei o que é. E não é o foco da (P), mas existe algum movimento, alguma coisa que falta ou que ainda não existe no trabalho coletivo, pelo menos no trabalho coletivo que eu conheço, que a maneira de lidar com as pessoas que estão envolvidas naquilo ali ainda, isso eu acho que um ponto, eu não sei como chamar isso, mas eu acho que é alguma coisa muito importante.

Porque o trabalho coletivo, ele...se eu estou chamando de trabalho coletivo, eu não estou chamando de trabalho fechado, eu estou chamando simplesmente de trabalho coletivo então eu posso entender que esse coletivo varia, eu acho que esse movimento de variar é uma variável, é uma coisa que tem que ser levada em

consideração, porque trabalho coletivo entre pessoas, que se conhecem, podem não se gostar, mas se toleram, se conhecem é uma coisa, agora trabalho coletivo com pessoas que num que podem até se conhecer, mas não te um relacionamento não conseguem construir alguma coisa eu acho que num rola.

P.:

Eu acredito acho que até quando agente fez o projeto, a gente não estava preparado para lidar com a situação da (F) apesar dela estar junto com a gente a gente num tinha pensado nisso.

M.:

Porque a gente veio desta situação, a gente veio de uma situação confortável, de pessoas que se gostam, que adoram fofocar, que adoram andar juntas, e que legal que a gente vai fazer o trabalho juntas entendeu, a expectativa era outra, e aí

P.:

Quando eu pensei em fazer o TCC eu pensei em tornar essa experiência possível para mais pessoas, como fazer? E eu comecei ler e perceber que tem muita coisa de trabalho coletivo para professor, mas eu percebi que como a (M.) falou a nossa formação é muito individualista, como sair disso para trabalhar coletivamente na escola...Eu pensei em como fazer para que no estágio as pessoas se movam para que elas percebam que lá prática, elas precisam de ajuda, aquela, sozinha não dá ...

E.:

Por isso que a escola faz a diferença...

M.:

É claro a gente foi na "nata" do estágio, a gente não caiu, sei lá no fim do mundo com pessoas que nunca nos viram, e muito pelo contrario não estavam com aquele sorriso que a gente recebeu sabe...

S.:

Mas eu acho que o mais interessante é que pela primeira vez a gente passa daquele papel de espectador, de fundo da sala, pra ficar lá na frente e enfrentar...

P:

Nos portfólios vocês todas falam da prática... de ir lá na frente, isso todo mundo falou ... de não ficar no fundo da sala por que é muito fácil julgar as professoras... só observando.

E.:

Mais é legal a gente sair dessa coisa só da teoria, passar a pensar a teoria sobre a prática ... que a gente está praticando na verdade, e a gente saia dali testando, montando as coisas para saber.

Só que assim, o que eu achei mais complicado nessa prática na verdade é que não foi uma coisa que foi escolhida pelos alunos, agente queria que fosse uma coisa mais do interesse dos alunos e acabou partindo da gente...ficou uma coisa de nós para eles e não coletiva, pois eu acho que esse trabalho coletivo tem que também sempre ta incluindo os alunos de todas as formas até para decidir coisas simples e tudo mais ... e ai eu acho que isso ficou assim ... eu senti que ficou faltando, hora que a gente chegou lá, é lógico a primeira vez que a gente ta aplicando, a primeira vez que a gente ta dando a cara à tapa é tudo difícil mesmo, a gente vai sofrer e tudo, mais o legal disso tudo é que a gente teve a oportunidade de parar para pensar sobre varias coisas que até então agente não tinha pensado, e se tinha pensado tinha pensado de uma maneira muito estratosférica, muito fora da realidade, sabe.

M.:

Eu acho que o estágio... Bom... Eu já falei mal de vários professores, eu admito e gostaria de ter coragem e oportunidade para falar até para eles, por que eu acho que só ia ajudar eles pensarem algumas coisas, mas o estágio é a disciplina que põem o professor mais no fogo, o professor que trabalha com a disciplina do estágio... eu acho que isso tem a ver até como a maneira que ela é conduzida por que...

Espera ai você esta aqui há três anos escutando um monte de gente te falando coisas, sem voz para poder responder, por que você não pode falar, primeiro por que você não tem experiência, você está lá, você já teve lá, dá vontade de falar, eu não posso falar você, mas você também não colega, faz cinqüenta anos que você esta aqui com a mesma matéria, sua bibliografia é de uns 10 anos atrás, eu não posso falar isso para eles...infelizmente, mas ele pode ir lá e falar com toda a propriedade uma coisa que eu to duvidando, que eu to questionando, eu to pensando e vai morrer ali... sabe vai morrer ali...agora no estágio é diferente... por que

?...por que estou lá, pode ser legal, pode ser uma merda, mais eu to lá eu vi, não tem como falar que não vi... Ah tá ruim, tá errado, pode tá errado mais eu vi, e aí como é que faz isso tem que extravasar de algum jeito.

Então, eu acho que é muito mais cômodo realmente, você fazer um caderninho de campo, observando e dizendo: olha a professora fez isso e aquilo, por que isso, você podia ler algum livrinho, mais é isso eles adoram fazer isso... compara ...encontra aqui... faz a relação e entrega um relatório.

Legal só que eu acho que essa abertura que o (G) deu de jogar na fogueira, de tentar pelo menos, a gente ficou muitas vezes brava com ele, vai por que para ele ela tudo cor de rosa, e não era tão cor de rosa assim, e o tom não era o mesmo, mais ele se colocou na fogueira, e eu acho que isso... não tô falando do (G) em específico, mais o professor de estágio, ele se abriu para discutir isso é o primeiro passo para tentar alguma coisa coletivamente, porque se você tem uma disciplina de estágio, que pensa oi estágio por você e não é o professor que vai para lá, é a gente, se a gente pensa o estágio para uma pessoa e nem, tudo bem...

O professor de estágio tem um conhecimento, ele tem um mérito, mais não é ele que vai para o fundo, para o meio ou para frente da sala, é a gente que vai, então eu acho que essa abertura de deixar esse movimento de trazer o que tá acontecendo lá, e falar vamos discutir, vamos tentar ver o que está acontecendo é o primeiro passo para se pensar em alguma coisa coletiva, por que eu não posso pensar num coletivo, fazendo uma disciplina que é assim... assim... assim... Olha: primeiro passo... segundo passo... terceiro passo, me entrega tá dia, tá nota. Como é que eu vou pensar coletivo, como é que vou construir alguma coisa, como é que vou discutir ... eu acho que isso, eu não sei ... e não se você vai entrar nessa discussão, mais estágio é uma coisa bem complicada.

E.:

Se a gente é "jogada" no estágio só para observar, então não muito daquela relação professor lá, a gente aluno aqui, olhando, aí entra com aquela experiência que a gente teve de aluno, entendeu... agora com uma bagagem um pouco maior, na hora que a gente vai lá na frente (da sala de aula).. e começa a sentir um pouco na pele o que é esta preparando, pensando nele, pensando na diversidade, aí que a gente vai começar a ver de verdade, e começar a ter de verdade parâmetros para esta pensando tudo isso que a (M) falou, e até

para estar compreendendo uma série de teorias, e estar criticando outra série de teorias, e a gente sabe que a gente leu coisas, que não tem nada a ver entendeu?

FS.:

Ou porque o professor...olha a criança fez uma pergunta inteligente e o professor respondeu de uma maneira tão fechada, ele deveria de repente devolver a pergunta, e nam nam nam Mas nessas horas você fica... de repente eu to tão estressada aconteceu tanta coisa nesse dia, na semana, no mês, e aí você pega e percebe, eu acho que eu faria a mesma coisa, de repente...

P.:

Aí a gente percebe como a vida da gente influencia o nosso trabalho, tem namorado, tem cachorro, tem que fazer isso e aquilo... e tem os alunos à escola, e o professor é esse cara que tem tudo isso também, por que quando agente vai para julgar a gente não enxerga isso. Você se colocar no lugar é diferente isso eu achei bem legal ...

M.:

Eu acho que essa coisa de a gente, não é trocar de lugar, mas a gente ter essa oportunidade de estar ali, nem tanto lá na frente, aplicar o projeto, e tal, mas também corre um negócio de mão dupla, é uma coisa que você olha de algum ponto e você consegue criar coisas um tanto abstratas, você consegue falar é bom é ruim, foi exagerado, num foi, mais quando você está lá, e você aprende a ter respeito, você aprende a olhar, você aprende a pesar as coisas à não olhar aquilo de um ângulo só, falar a não, foi assim por causa daquilo e ponto, não num foi não é uma coisa isolada é um movimento.

A escola é movimento, a sala é movimento, está tudo relacionado, e você não vai ver isso se você ficar olhando isso de um ponto parada, porque como você parada consegue perceber isso? Não dá, se você não entrar ali e não entrar no jogo de algum jeito não sei lá, eu também não posso falar por que eu nunca fiz estágio de outro jeito (parado) eu não sei como que é ficar no fundo da sala anotando...

FS.:

Essa coisa do professor ter a vida dele ter de repente problemas tal, é um ponto assim de pensar como é legal trabalhar coletivamente por que, eu lembro nesse projeto eu estava com problemas, e muitas vezes eu não consegui pensar em nada...(se emocionou Linda☺)..

M.:

Cara é assim que funciona...

E.:

Na verdade a gente não é uma máquina, a gente é uma mistura de varias coisas... a gente tem problemas.

M.:

Eu acho que isso é uma coisa que falta para gente, a gente fica 4 anos na faculdade, eu não estou desmerecendo o Marx e nem nenhum outro que morreu antes, ou depois dele... mas a gente tem que ler duzentas folhas. E estou desmerecendo este espaço que é fundamental, e que parece que ninguém vê que é fundamental, a gente estuda o Marx, o Fulano, o Cicrano que eu nem sei o nome, o Piaget, mas quem sai da Pedagogia sem conhecer o Piaget, ninguém! Agora a gente nunca parou para pensar que no professor, a gente pensa na psicologia até do molusco, mas espera ai na gente, no professor, isso não acontece.

A gente não teve em nenhum momento, a não ser no estágio, para falar espera ai... sabe não é fazer isso lá, não é para saber ensinar, saber fazer uma conta de dividir, não é para ensinar grandeza, mamíferos... Espera ai, não é assim existe um outro movimento que está diretamente relacionado que tem que ser olhado. Eu não sei como é na Medicina, eu não sei como é na Psicologia, eu não sei como é... Alias na Psicologia tenho a impressão que os Psicólogos são obrigados a fazer terapia, é uma coisa da profissão, eles fazem terapia junta e não é à toa. Eu não estou falando que a escola é um inferno, mas tem problemas todo dia...

E...:

Eu estava pensando em uma coisa... Mudando um pouco de assunto... Uma outra variável a respeito trabalho coletivo é o tempo, o tempo que as pessoas levam para se conhecer, uma coisa que não dá para esquecer é que a gente tem coisas em comum, a gente maneiras de pensar parecidas, então se juntar

como uma pessoa que pensa diferente já fica mais difícil. Ai a gente vai ter que pensar como é que vai dar essa diferença no coletivo...por exemplo à gente teve a mesma formação acadêmica, as professoras tem formação variada como lhe dar com toda essa diferença, só com um tempo de contato não é assim do dia para noite

M.:

Mas esperai numa escola tem um projeto político pedagógico, e a partir do momento, que eu to ali eu posso, estar ali por grana, eu acho que é completamente legítimo, embora o salário seja uma miséria. Enfim, eu posso estar por grana, mas eu também tenho que saber que estou dentro de um lugar que tem um projeto que é assim, sabe...

P.:

E esse projeto teoricamente é pra ser construído junto...

M.:

Tudo bem, mas só que quando eu chego lá, já existe alguma coisa, eu não posso pisar naquilo e querer construir depois, eu posso continuar construindo, eu posso ajudar a modificar, mas eu não posso entrar lá e achar que vou mudar, dizendo: ai lá na outra escola que eu estava era assim, eu acho que assim seria melhor... é complicado também senão, não flui ... esperai vêm cada um de um lugar a gente faz uma festa e pronto sabe... eu acho que existem essas variáveis ...

M.:

A gente tinha muitas coisas em comum, a gente tinha uma disciplina de estágio que obrigava a gente fazer isso, era o nosso trabalho isso, era nossa nota isso. Então quer dizer.. Além das nossas coisas em comum e etc.. A gente tinha uma coisa que uniam de verdade, elas (professoras) também tem agora como é que foi trabalhado como é que foi construído é outra coisa.

S.:

Eu não sei é que às vezes dá impressão que o ofício o professor é uma coisa muito individual, lembra a proFS. (A) falando uma vez. que escola pública é assim, você fecha a porta, e você ta tem que se virar na frente de uma classe...

M.:

E vocês percebem que aqui na Universidade, o movimento é muito parecido, eu acho que tem uma relação bem grande aí... por que tem que ter movimento de pensar na nossa formação, porque a hora que as pessoas pararem para pensar, que elas estão formando a gente, que a gente vai lá para fora, não só a gente, a unicamp inteira, vai lá para fora, e vai lidar com outras pessoas, e vai fazer outras coisas....

Eles só pensam na matéria deles, é muito individual, eu dei a minha matéria que legal, todo mundo foi bem no meu trabalho, e daí eu estou ligando se esta relacionado com outra matéria, eu to ligando se elas podem pensar nisso de outro jeito, eu to ligando se a Psicologia e a Sociologia pode ter relação com o estágio lá na frente, eu num to ligando por que acabou minha matéria, e ano que vem tem mais 45 malas para eu dar aula,

S.:

Ah mas não dá para generalizar também ...

M.:

Eu não consegui ver um professor que se interessava em unir, a não ser a (B) o (G) e a (A), que efetivamente se uniram. Eu vi professores dando módulos de matérias para alunos, juntando um módulo no outro, a historia 1, na historia 2, nem isso se juntava, juntava?? Pelo amor de Deus se uma matéria que tem um mesmo nome em 3 fases não consegue se juntar como é que você junta um curso... tem que ter furo...

Vocês perceberam que isso está uma vira volta, a gente esta discutindo trabalho coletivo que fizemos no estágio, mas onde é que a gente teve isso em nossa formação? a não ser na idéia dos três (B, G e A) lugar nenhum... A gente da discutindo trabalho coletivo para que? para pensar no trabalho do professor na escola, mas quando a gente estudo o trabalho do professor que está lá dentro da escola? lugar nenhum, a não ser nas disciplinas práticas e a relação com a teoria que eles tanto falam????

FS.:

Gente isso é uma bola de neve, mas voltando eu acho que o trabalho da (F) apesar de ter tantas variáveis é positivo, entrando na experiência que a gente teve, eu acho que foi positivo...a gente aprendeu a trocar... a refletir sobre a prática.

S.:

É eu acho que foi positivo não só pelo resultado das aulas, mas pela experiência que a gente teve de aprender a trabalhar junto...

E.:

De pensar, de ter diálogo

FS.:

De ver que a outra (estagiária) está passando por coisas parecidas, tem dúvidas parecidas, está com aquela esperança aquele comprometimento todo e de repente tudo vai água a baixo, como foi no meu caso, é bom é positivo porque você não pega aquele fracasso ou como uma coisa assim sua, você percebe que outra pessoa, também tá passando por isso, e assim eu posso conversar para tentar melhor, trocar idéias e experiências.

S.:

Eu achei legal, que na sala de aula, o trabalho em coletivo ajuda, pois são pessoas diferentes que acabam se complementando...

M.:

Outra coisa importante é a gente pensar este espaço como formador, era mais uma disciplina de estágio como outra qualquer, eu acho que mais que os textos, eu acho que a experiência em si, a ajuda uma com a outra sabe, a troca sabe o espaço de troca, aquela possibilidade de não pensar sozinha, de não ter decidir, de não ter que julgar, de dar veredicto sozinha.

Eu acho que esse espaço para mim definitivamente foi mais formador, ter que aprender a pedir ajudar, não é pedir ajudar... é trocar mesmo, é poder falar abertamente o que tá ruim o que tá legal, e poder ter de volta outras opiniões, de outras pessoas que estão vindo de outro lado, e aprender que no final sai o que foi melhor, não sai que eu acho melhor eu que ela acha. A gente consegue chegar em uma situação que dá para tira idéias que todos ajudaram, eu acho que isso foi o mais bacana da experiência.

E.:

Eu acho que dentro do que a (M) falou tem duas palavras chave, que são: experiência e espaço para diálogo. Pois, você ter a oportunidade de vivenciar a escola, é bacana, mas você também ter este espaço para dialogar para estar tentando pensar sobre tudo isso que aconteceu, também eu acho que é fundamental, para mim estes são pontos chaves na nossa formação.

FS.:

Bom, esta questão desta troca é aquela coisa assim... agente montou um projeto para quatro aulas, e deu um trabalho, e foi um trabalho trabalhoso, então imagine um professor que tá lá cinco dias por semana, e cada aula tem que ser uma aula legal que seja interessante para os alunos. Para que ele tenha orgulho e motivação por ver que seus alunos entenderam de uma maneira legal.

E é difícil porque a gente fez um projeto e agente ficou pensando em 5 pessoas e as professoras para pensar o projeto, com 4 aulas e deu trabalho, sabe a gente ficou pesquisando uma pesquisava aqui, outra pesquisava ali, e aquela coisa assim... mas será que é só isso, então... aquela coisa de wats, potência... como é que explica a potência, e gente pesava será que vamos conseguir, aí uma dizia pensa que é uma medida, como assim a criança vai me questionar, vou ficar de saia justa ali na frente.

Essa troca de experiências, então, por exemplo, o professor já passa esse conteúdo meu esquematizado, fica muito mais simples, pois você tem sua vida ali, você não tem só a escola e tal e é difícil trabalhar sozinho e todo dia ter uma aula legal na manga.

É muito difícil, é cansativo, daí um dia você pode passar a semana inteira pensando em uma aula só, e fica muito difícil, pois se tem muitas matérias, muitos alunos e sozinho ficará mais difícil.

E.:

Fora que você tem que sai do micro, pensar cada aluno, pois eles são diversos, mais você tem sua sala de aula, seu projeto, tem a comunidade...

M.:

Eu acho que o que a troca trouxe para gente é que é você trilhar um caminho que vai ser muito mais curto se tudo mundo for junto, agora vai todo mundo chegar ali, é pra chegar, mais se todo mundo for junto vai dar pra cortar caminho, dá para pegar atalhos, dá pra trocar, dá pra discutir.

Além disso, você sai do seu mundo sabe, você sai da sua sala de aula, dos seus alunos, da sua matéria, da sua aula, e fica tudo no plural, pois amplia, mas é claro que você vai pensar na sua aula e... mas, seu olhar vai ficar maior, você vai conseguir pensar numa coisa mais ampla, olhar para seus colegas, e relacionar as coisas, seus problemas com os dos outros, as suas soluções com as dos outros.

S.:

Acho que todas nós aprendemos muito, a trocar e isso foi formativo, e vai nos ajudar muito se nos tornarmos professoras...Espero também que seu trabalho contribua para as outras pessoas que vão se formar. Quem sabe as coisas fiquem mais coletivas.

ANEXO 2: Carta de uma professora

Esta carta foi recebida via email pelas estagiárias F. e S., e foi enviada pela professora C. (4ª B).

Campinas, 05 de Dezembro de 2006

Às minhas parceiras F. e S.

Queridas, foi muito bom poder contar com suas parcerias!

É na troca com o outro que aprendemos, crescemos e nos transformamos.

Através de nossas práticas vivenciadas pude refletir o porquê das várias posturas adotadas e buscar crescer cada vez mais, modificar-me para melhor, buscando uma prática pedagógica diferenciada.

Foi gratificante poder sair da posição de pessoa observada para aquela que observa, que auxilia, que de um momento para outro sai de seu lugar e dá espaço para que o outro vivencie aquele espaço e, então, sentir o “gostinho” de ser professora.

Estar em contato com vocês a cada minuto renovou meu espírito e acalentou minha alma, dando incentivo, motivação para buscar o novo, e, em inovando, ter um outro olhar para algumas crianças e atuações.

Foi muito bom sentir, perceber o brilho da descoberta nos olhos de vocês, o acreditar que vai dar certo, o tentar... Mesmo não sabendo se daria certo, mas realizando, não desistindo e tendo a certeza que outras vezes seria cada vez melhor, cada vez melhor! Perceber o esforço da pesquisa, da preparação das aulas, à vontade de acertar... Saindo cansadas de uma aula desgastante, mas felizes, voltando no outro dia renovadas e cheias de idéias. Refletindo sobre os acontecimentos, tendo certeza que nem tudo acontece como planejado, mas que sempre vale a pena tentar!

Tenho certeza de que tudo valeu a pena, tanto para mim como para vocês, pois os alunos foram os mais beneficiados. Por eles e para eles.

Vocês mostraram-me que vale a pena valorizar sempre a solidariedade e as vantagens das parcerias, e o quanto refletir no coletivo traz resultados positivos. Compartilhar experiências, trocar teorias acrescentam a nossa prática, desvendando em nossas crianças o melhor deles.

Tenham certeza que é o só o começo que muitos desafios ainda surgirão, que muitas decepções acarretarão, mas muitas gratificações se concretizarão. Aprender a é ensinar é um desafio que se vence a cada dia e sempre. É uma lição de todo dia. Não tem tempo e nem espaço certo para se aprender.

Tê-las em parceria, realizando um trabalho conjunto, ajudou-me muito a refletir!

Obrigada

C..